

ANA DE CASTRO OSORIO

—
DE COMO PORTUGAL
FOI CHAMADO À GUERRA

ANA DE CASTRO OSORIO

De como Portugal foi chamado à Guerra

HISTÓRIA PARA CRIANÇAS



1918

CASA EDITORA PARA AS CRIANÇAS
LISBOA



DEP. DBC

Hf. 138
19. H138

ANA DE CASTRO OSORIO

De como Portugal foi chamado à Guerra

HISTÓRIA PARA CRIANÇAS



R. 67861

1918

CASA EDITORA PARA AS CRIANÇAS
LISBOA

ANA DE CASTRO OSORIO

ROMACES, NOVELAS, TEATRO :

Infelizes
Ambições
Quatro Novelas
Bem prega Frei Tomaz...
Homens nos Bastidores
Mundo Novo — a sair
Olim... — a sair

QUESTÕES SOCIAIS :

A's Mulheres Portuguesas
Instrucção e educação : Festas infantis
 » » : Crianças e mulheres
A mulher no casamento e no divórcio
*A mulher na agricultura, nas indústrias regionais e na adminis-
 tração municipal*
Varias conferencias
Em tempo de guerra
Libertas — a sair
A grande aliança — a sair

OBRAS EDUCATIVAS E LITERATURA INFANTIL :

A minha Pátria
A boa mãe
Uma lição da Historia
Os nossos amigos
Lendo e Aprendendo
*Para as crianças, 19 volumes (contos maravilhosos, historias,
 teatro)*

Aos Soldados Portugueses
que erguem tão alto a bandeira gloriosa da Pátria,

para que saibam o que aos seus filhos ensinamos da hora em que mais uma vez a nossa raça cumpriu o seu nobre destino.

*Aos Sócios Pioneiros
que fizeram a estrada da Fazenda*

que fizeram a estrada da Fazenda

Guerras passadas

MEUS QUERIDOS PEQUENOS

Há precisamente vinte anos que eu, reconhecendo como era triste a vida das crianças portuguesas, que aprendiam a ler e não tinham lindas histórias que lhes dessem gôsto pela leitura, comecei a contar a vossos pais os contos de maravilha, que o povo tinha conservado de memória e as mamãs e as avósinhos iam repetindo em tempos idos, e as criadas nos iam também ensinando.

Eles vos dirão, os vossos pais e as vossas mães e as bôas tias, que hoje são quase umas senhoras, que por sua vez cuidam de ter outra casa e outra família, o que foi para as suas almas pequeninas a alegria radiosa desse acontecimento, que pareceu insignificante para os velhos rabujentos e para os novos pretensiosos e encheu de alegria toda uma geração, que são hoje os filhos do meu espírito, como vós, meus queridos pequenos, sois os netinhos que muito estimo.

Mas o tempo de vossos pais era de paz e por isso eles foram, na sua infância, mais felizes do que vós, que não ouvis senão falar em guerras e tribulações, em lutas, em desastres, incêndios e naufrágios.

Nunca o género humano tem estado completamente

em paz, mas quando as guerras são muito longe, muito longe, os seus ecos chegam aos nossos ouvidos com a mesma fé com que recontamos as histórias do *Homem da Móca* ou da *Princesa da Áustria*.

Quando eu nasci falava-se ainda da guerra da Crimeia e do México e da infeliz Polónia, retalhada e dividida entre três grandes nações, cheias de força e de ambição, e tinha apenas acabado a de 1870, chamada franco-prussiana.

Os ecos ainda repetiam os horrores, as fomes, as barbaridades e as destruições resultantes dessa luta, em que o generoso povo francês ficara esmagado pela bruta gente da Alemanha.

Quando eu era pequenina ainda conheci alguns velhinhos, muito velhos, corcovados e trémulos, que me contavam com pavor as histórias tristes da invasão francesa e das guerras do tempo de Napoleão.

Mas essas histórias e êsses pavares vinham de muito longe, de muitos anos atrás; porque já fazia mais de meio século que tínhamos vencido os exércitos do Imperador nas grandes batalhas do Buçaco, da Roliça, do Vimeiro e nas linhas de Tôrres, ajudados pelos nossos amigos ingleses. Os generais de França tinham voltado para as suas terras com os seus soldados, e a pouco e pouco os incêndios tinham-se apagado, as ruínas reparado e a terra voltara a florir e a produzir pão.

Bonaparte, finalmente derrotado numa grande batalha, chamada de Waterloo, foi mandado para a ilha de Santa Helena, como o Kaiser foi vencido e será mandado para onde não possa fazer mal.

Essas histórias eram para nós narrações de tanto entusiasmo e tanta maravilha como os lindos contos da *Maria das Silvas* e da *Branca-Flor*, que afinal sempre conseguem a paz e a felicidade, tendo sofrido inúmeros desastres e tristezas, que pareciam sem remédio.

Depois, mais tarde, aprendemos nos livros, nos jo-

nais e nos discursos e lições dos nossos amigos, que já andavam na luta da vida, o que foi a guerra heróica da Itália para se unir num povo só, como fôra outrora, e como hoje, felizmente, está.

Estremeciamos de entusiasmo quando pensávamos nesse herói tão generoso e valente, que se chamava Garibaldi, casado com uma brasileira, que o mesmo é dizer uma quâsi irmã nossa, chamada Anita, que o acompanhou até ao fim, como uma heroína da lenda.

Como se fôsse um *Príncipe Imaginário* viamo-lo atravessar a terra cheia de sol, que é a nossa irmã Itália, com a sua larga camisola vermelha e a sua espada invencível, seguido pelos seus companheiros, o rei Vítor Manuel, seu irmão de armas, e os grandes amigos da Pátria e da Liberdade.

Soubemos, depois, de guerras muito tristes que a Itália teve na Abissínia: outras que houve na África, de que os nossos soldados voltaram vitoriosos, tendo dominado muitos chefes de tribos rebeldes e trazendo, prisioneiro, um dos que tinha maior prestígio entre a sua gente.

Os grandes povos como nós—porque, embora pessoas ignorantes e malévolas vos digam que somos pequenos e fracos, não o deveis acreditar—pois os grandes povos colonizadores, como nós, sempre, mais ou menos, têm os seus soldados preparados para a defesa da terra, que, embora seja de colónias, não deixa de ser um bocado da nossa Pátria. Onde outrora os cidadãos de Roma fundavam uma colónia, era ali a terra sagrada da Pátria: do mesmo modo nós, portugueses, seus legítimos continuadores, na obra de civilização e comunhão de todos os povos, temos uma enorme Pátria espalhada pelo mundo, e em toda a parte em que flutue a bandeira, que é o seu símbolo sagrado, essa é a nossa terra. E como nós temos sempre guerras coloniais para manter e defender a herança dos nossos avós, que é a garantia da riqueza e do bem-estar fu-

turo, o nosso exército tem aí uma escola de energia que nos torna soldados de valor, entre os primeiros.

Quasi todos os homens válidos de Portugal têm passado pelas nossas colónias em serviço militar, e muitos se têm distinguido bravamente comportando-se como é da honra e fama da nossa raça. Muitos têm morrido heroicamente, outros têm voltado com a certeza de que Portugal foi uma grande nação, mas ainda maior será quando fizer das suas colónias tudo quanto podem ser e quanto lhe garantem a heroicidade, a energia e paciência dos seus valentes soldados.

No serviço militar das colónias sofre-se muito, porque tudo se junta e concorre para aumentar essa luta e esse sofrimento: o clima que produz terríveis doenças; as grandes distâncias, sem estradas nem comunicações, a falta de água, a maldade e crueldade do inimigo, que não conhece leis de guerra; a falta de notícias e muitas vezes até de alimento, pelas dificuldades de abastecer as tropas em campanha, através do mato, rodeados de todos os perigos.

Mas por isso os nossos soldados, habituados a todos os encomodos vão para onde os mandam, sem relutância, antes como uma serenidade diante do perigo que a todos admira, tornando o nosso exército um dos melhores do mundo.

A França também durante este último meio século teve guerras na África e na Ásia, sem falarmos em Marrocos, em que não acabam nunca, apesar do continuado esforço da Espanha para vencer os seus inimigos de tanto tempo. Também a nossa vizinha viu diminuído o seu território quando a Cuba e as Filipinas se tornaram independentes, auxiliadas por fim, pelos Estados Unidos.

A China e o Japão encolorizaram-se e tiveram entre si uma terrível luta. O Transvaal revoltou-se contra a Inglaterra, muita gente morrendo dum lado e doutro até que chegaram a fazer as pazes e ficaram amigos,

como têm dado agora uma prova, no auxílio prestado por este povo à mãe Pátria.

A Rússia também entrou em guerra com o Japão, e durante bastante tempo a luta foi muito violenta. A Itália defendeu brilhantemente o predomínio europeu contra os turcos, e da mesma forma os povos balcânicos se bateram com violência pela defesa da liberdade e da independência contra a opressão asiática.

Por tudo isto, que muito por alto lhes digo, já os meninos ficam sabendo que sempre, mais ou menos, tem havido guerras no mundo.

Mas de todas estas de que vos falo e de muitas que haveis de conhecer da história, as consequências não têm sido tão tristes como agora, porque a luta se limitou aos países beligerantes e a maior parte delas se passaram tão longe de nós, que só sabemos que existem porque há telegrafo que nos dá as notícias e jornais em que vêm publicadas.

Quando mesmo os soldados de cada país nelas tomavam parte, eram só êles que decidiam da vitória, e a vida das nações não se perturbava e baralhava completamente, como sucede com esta monstruosa guerra de que os alemães são os únicos responsáveis, porque êles a queriam e se prepararam para ela durante cem anos, com a ideia fixa de dominar o mundo e mandar em todas as nações.

Entre os grandes países directamente comprometidos na luta devemos também contar o Brasil, que é bem nosso filho pela origem da sua fundação histórica, da sua língua e da sua gente, e nosso irmão pelo sentimento que nas grandes ocasiões sempre nos une.

O Brasil antes de entrar como beligerante sofreu os ataques dessa gente orgulhosa e bruta, que afundou muitos dos seus navios, tendo necessidade de defender da cobiça germânica três dos seus Estados, onde êles entraram como colonos e queriam sair como senhores.

Custa-nos muito ver sofrer os outros povos amigos

e irmãos, mas devemos ficar satisfeitos vendo nesta hora de perigo como todos se ligam contra o inimigo comum, tal qual como os membros duma família, ou duma nação, que, embora se não entendam em pequenas coisas sem importância, perante a grandeza do perigo comum todos se unem para o conjurar.

A história desta guerra tem sido contada a todos, e de muitas formas diversas, consoante as pessoas que a dizem e os ouvidos que as escutam. Ora eu, meus amiguinhos, entendo que vós fazeis parte da nação portuguesa, tal qual as pessoas crescidas, e deveis assim conhecer bem a origem do mal e avaliar da justiça da nossa causa. E já que vos tenho contado tantas histórias de fadas e princesas, de olharapos e demônios malfazejos, e outras de casos da vida, que ajudam a instruir e a educar o coração, também desejo tomar o encargo de vos explicar o que se passou, para chegarmos às horas angustiosas que a humanidade sofreu, até que chegasse a hora da vitória, por que todos ansiávamos.

Penso que devo estar perto do vosso coração para bem me fazer compreender da vossa inteligência, dando-vos elementos para mais tarde poderdes avaliar, com bem clara razão, as horas minguadas que passaram pela vossa infância e a muitos terão deixado sem o carinhoso amparo e direcção dos pais, mortos na defesa do nome português e pela honra da Pátria.

Antes da guerra

Apesar destas guerras de que vos falei, que foram todas por assim dizer parciais, o mundo podia considerar-se em paz, todos os povos lutando e trabalhando no campo da sciéncia, da indústria, da arte e do comércio, pela civilização e pelo progresso.

A França não queria ouvir falar em guerras e sobressaltos, refeita à custa de muito trabalho e muita inteligência do abalo e perdas que sofrera em 1870. Embora tivesse ficado sem duas lindas e opulentas províncias, a Alsácia e a Lorena, e de ter pago uma forte indemnização de guerra, estava muito rica e cheia de grandes projectos e ideias que só podem progredir e desenvolver-se com a paz. É certo que o coração dos patriotas sangrava lembrando essa parte da linda terra da França, arrancada pela fôrça e pela traição ao corpo geral do país: mas quando alguma voz se levantava a lembrar a afronta, logo o maior numero abafava o protesto, porque a França queria a paz, acima de tudo.

É verdade que ela mantinha um grande exército permanente e gastava largas somas para o sustentar e armar, mas essa prevenção era só motivada pela ameaça constante que a Alemanha fazia, não cessando de

se armar e de se dispor para a guerra, tudo sacrificando à sua loucura orgulhosa e dominadora.

A Inglaterra, que é o mais rico e mais forte país do mundo, porque, embora na Europa se componha sómente de duas ilhas, só a cidade de Londres tem mais habitantes de que muitos países independentes, possuindo além disso o império da India, colónias na América e na Oceânia e Ásia e a sua supremacia nos mares, nem por sombras pensava em se meter em guerras e aventuras perigosas.

¿ Que interesse podia ela ter em o fazer ? Nenhum, claramente se vê. Os alemães que se sentem esmagados pela responsabilidade d'este grande crime, de que os homens do futuro lhes hão-de pedir contas, querem atribuir à Inglaterra a responsabilidade do mal ; mas ninguém os acredita, pois era como se uma pessoa muito rica deitasse fogo às suas searas para que ardessem as do vizinho, abrisse os seus cofres para que os ladrões roubassem o sócio, arrancassem as vinhas para que os outros ficasssem pobres, matasse a sua gente para que os mais não tivessem braços para a cultura. A Inglaterra não quere mais domínios, bastando-lhe o que tem e o respeito e consideração de todo o mundo. O que deseja é trabalhar e enriquecer o seu povo pela indústria e pelo comércio. ¿ Que interesse tinha ela em fazer desencadear êste temporal medonho, que ameaça o mundo inteiro ? Dizem os nossos inimigos que temia a concorrência comercial da Alemanha, e por isso fez a intriga que provocou a guerra : mas isso é uma falsidade, porque a Inglaterra, senhora de tanta riqueza e forte pela inteligência e pelo trabalho do seu povo, se verdadeiramente quisesse prejudicar o comércio alemão tinha-o feito em todo o mundo, usando de meios comerciais e financeiros, sem necessitar sacrificar-se com uma guerra destas. E isto é tão verdade quanto é certo a Inglaterra estar completamente desprevenida quando começou a guerra. A sua marinha é a maior do mundo

e o seu patriotismo é de tal ordem que, tendo perdido a vida desde o princípio da guerra 12:000 marinheiros britânicos, nem um único oficial ou simples marinheiro faltou aos seus deveres ao chegar a hora da partida. O esforço realizado pelo povo inglês durante esta guerra, no respeitante à marinha, tanto faz de guerra, como mercante, não tem paralelo no mundo. Basta dizer que, em quatro anos de guerra, não deixou de construir e armar navios, não deixou de navegar, não deixou de transportar tropas e abastecer-se e aos seus aliados. A Alemanha teve de confessar-se derrotada, não só em terra mas muito antes no mar, contentando-se só em praticar crimes inúteis.

O seu exército de terra era, em 1914, tão pequeno que ninguém supõe que ela se estivesse preparando para uma luta destas. Ao começar a guerra esse exército compunha-se de meio milhão de soldados, e todos voluntários. Isto é: não tinha como nós, como a França, como a Itália, e especialmente como a Alemanha, o serviço militar obrigatório, de modo que os soldados faziam o serviço como um outro qualquer emprêgo, e não com aquele entusiasmo de quem cumpre o dever que a Pátria reclama.

Não poderiam assim levar ao campo da luta mais de *cento e cincoenta mil homens*. Foi com isso que a Alemanha contou, quando o seu imperador se referia desdenhosamente ao exército britânico. Mas a Inglaterra tem uma varinha de condão que faz como que sair do solo a força invencível das nações: que é a consciencia individual do dever e o orgulho pátrio. Eis porque esse pequeno exército, que os alemães ridicularizavam, de cima da sua força e disciplina mecânica, se converteu num formidável exército de *cinco milhões* de homens, sendo *três milhões* de voluntários, que espontâneamente correram a defender a honra e o interesse da Pátria, pondo de parte todas as outras preocupações individuais. E o que mais depõe a favor da nossa aliada

é ver como todas as suas colônias se pozeram ao seu lado, apesar do muito que servilhou a intriga germânica para os afastar da metrópole, e até para os revoltar. Isto só prova que o governo britânico é liberal e tolerante, respeitando os interesses e tradições dos diversos povos que formiam o seu imenso império. As mulheres inglesas compreenderam tão bem o seu dever cívico, que bem se pode dizer que atrás desse monstruoso exército se ergueu espontâneamente outro, não inferior, mobilizando para o trabalho e para o grande auxílio aos combatentes as mulheres de todas as classes da nação inglesa.

A agricultura continuou a produzir, ou melhor, produz mais do que antes da guerra. As indústrias não pararam e os serviços públicos, especialmente os da instrução e os de saúde, desenvolveram-se extraordinariamente. As inglesas mostram, neste momento, como homens e mulheres são, perante a Natureza que os fez as partes componentes do género humano, iguais pela alma, pelo coração e pelo sentimento de defesa da raça.

E ainda atrás destes dois grandes exércitos, que o amor e respeito pela Pátria fizeram aparecer na ocasião precisa, um outro ainda se mobilizou, cheio de graça e de esperança para o futuro, o das crianças! Desde a mais tenra idade até serem reclamadas para o serviço obrigatório as crianças inglesas têm lutado, não com a força física que ainda não têm, mas com a imensa força dos seus corações de patriotas. E assim o povo inglês, como um só coração, se levantou pela defesa da sua Pátria, ameaçada pelo imperialismo alemão.

E se a Inglaterra se não pode acusar de promover o conflito muito menos a Rússia, pois que havia ainda pouco se livrara da guerra russo-japonesa dos prejuízos da qual não estava ainda refeita, sem falar do que também sofrera com fracas compensações na última

questão dos povos balcânicos, quase todos de raça eslava, como ela, lutando por se libertarem da tirania turca, fortalecida pela Alemanha e pela Áustria. Foi no entanto pela Rússia que veio o rastilho que incendiou o mundo, como agora veio a grande traição aos aliados com a paz separada entre ela e a Alemanha, que é um facto que para sempre desonraria um povo, se todos não soubessem que às vezes os crimes são feitos pelos traidores em nome duma nação, que está em estado moral e material de não julgar nem se responsabilizar pelo que faz.

E aqui têm os meus amigos como se vê bem que foram a Alemanha e a sua aliada Áustria as únicas responsáveis de se terem lançado as nações numa luta destas, em que toda a humanidade por largo tempo há de sofrer, atrasando-se a civilização e o progresso.

A guerra a que assistimos é a maior que no mundo tem havido, pois se de princípio sómente seis nações estavam comprometidas nela porfim se pode chamar mundial, pois que bem poucos foram os povos verdadeiramente neutros.

¿E quem pode ser neutro diante duma barbaridade destas?

Ser neutro é ser criminoso, ser neutro é ser conivente no grande crime social que a Alemanha, pelo seu desmedido orgulho e a sua louca ambição, perante a justiça social cometeu.

Origens da guerra

Acabo de vos dizer que foi o orgulho e a ambição do povo alemão que desencadeou o temporal, de que ele há-de sofrer, para seu castigo, o maior peso. Mas é preciso que vos explique bem estas palavras, para que nenhuma dúvida possais ter mais tarde, quando os filhos dos vossos filhos, felizmente afastados de tanta dor, vos preguntarem como nos encontramos com honra, mais uma vez combatendo pela defesa do direito e da justiça, ao lado dos povos que defendem a civilização latina.

Têm-se dado muitos pretextos para explicar a origem da guerra, mas a verdade é que a sua causa foi a ideia que meteram na cabeça do povo alemão, para isso educado desde criancinha nas escolas, de que valia mais de que todos os outros povos do mundo e que era, portanto, a él, que competia dominar e dirigir a humanidade.

Há cem anos ainda a Alemanha e a Austria estavam divididas em muitos e pequenos Estados, que trattavam de se governar e progrediam sem a ambição do mando e do domínio, que está na massa do sangue de algumas das suas raças, como a prussiana, por exem-

plo. Há cem anos sofreram derrotas formidáveis, sendo a vitória dos ingleses em Waterloo, contra o imperialismo conquistador de Napoleão, que os libertou e lhes deu alma para se prepararem para a hora terrible de hoje.

O Kaiser e o seu partido militar puderam fazer as maldades, traições e violências de que tereis notícia, porque o povo alemão, em geral, estava convencido, e talvez ainda hoje o esteja, de que o interesse e a glória da maior Alemanha, dominadora e dirigente, podiam ser aceitos por todos os outros povos. Aqui já se vê bem a sua loucura, porque é impossível haver no mundo povos ou indivíduos conscientes que voluntariamente se sujeitem ao domínio de outros, convencidos da sua superioridade, desprezando tudo quanto directamente lhes não pertença. Esmagar os outros povos para só por si dominar e progredir, demais a mais quando os caracteres são diversos e os ideais opostos, é o impossível.

É uma cousa tão contra a Natureza que nunca isto se viu, nem mesmo dentro das famílias e da gente da mesma raça, quanto mais com povos que pensam e sentem de tão diversas maneiras.

Todos são muito bons, mas cada um em sua casa e dirigindo-se como entender, pois o que para uns povos parece um mal é para os outros um bem, estando de harmonia com a sua maneira de sentir e pensar, com as tradições do passado e com o caminho que no futuro o espera.

O povo alemão, já o vinha dizendo nos seus livros e por todas as formas ao seu alcance, julgava-se destinado a mandar e dirigir os destinos da humanidade. E se havia gente com tão poucos sentimentos, tão inferior se julgando que não se indignava com essa pretensão, todos os que tinham a consciência da sua própria dignidade sentiam-se vexados com essa propaganda, que êles tinham congregado numa única frase,

que diz toda a sua loucura : «A Alemanha acima de tudo».

Deviam compreender que os outros povos tinham o direito, e até o dever, de lhes responder da mesma forma : E assim, nós, desde que êles lançaram êsse desejo ao mundo, também lhes devíamos responder da mesma forma : «Portugal acima de tudo». E da mesma maneira a França, a Inglaterra e os outros povos, quando afinal cada um dentro de si próprio e das suas qualidades, e até defeitos, vale tanto como os outros.

Convencidos, pois, de que estavam senhores da terra, não se contentaram em ter o comércio quâsi todo em seu poder, ter desenvolvido a indústria, ter uma enorme marinha mercante, ver os seus sábios escutados, os seus artistas aceitos e aclamados por todos os outros povos, que acreditavam na sua aparente simplicidade. Não ! Isso não era bastante para os seus instintos dominadores ; e então não pararam mais no aumento do seu exército e da sua marinha de guerra, tudo sacrificando a essa força com que julgavam poder esmagar todas as outras nações.

É bem certo o ditado que o povo repete : — «Deus desvaira os que quer perder» — porque na verdade a Alemanha teve um pensamento de loucura, e apesar dos seus muitos sábios não viu que nunca houve no mundo um povo que conseguisse dominar e vencer todos os outros, sendo sempre esmagado na sua maior loucura.

Mas voltemos á historia dos factos, tal como se passaram, até chegarmos á guerra em que hoje tomamos parte. Estava pois a Alemanha armada e forte, convencida de que nenhuma resistência seria possível contra o poder dos seus exércitos. Fingindo querer a paz armava-se e minava todas as outras nações, espalhando por todo o mundo uma nuvem de espiões, homens e mulheres de todas as classes, que se encarregavam de promover intrigas e malquerenças, fazendo o possível por que todas as outras nações se desarmas-

sem, desprevenissem e se enfraquecessem em lutas de palavras e de sentimentos, que cegam o entendimento e não deixam ver o perigo que se avizinha. Por umas poucas de vezes esteve iminente a guerra, mas a prudência das outras nações, e especialmente da Inglaterra, afastou o conflito. As pessoas que pensam e percebem as cousas de alto há muito que viam aproximar-se a guerra, mas nada podiam fazer senão aconselhar prudência e a defesa contra as manifestas intenções que o imperialismo militarista da Alemanha deixavam perceber. Mas como os povos não queriam a guerra, não acreditavam que ela pudesse vir, com todos os seus horrores e uma violência ainda não experimentada.

A Prússia, preparando-se para esmagar a França desde a queda de Napoleão, conseguiu unir todos os Estados germânicos e tornar-se uma forte e grande nação, vencendo em 1870, como já se disse, a guerra franco-prussiana. Foi então que anexou a Alsácia e a Lorena, querendo convencer toda a gente de que era justo êsse acto, porque em tempos passados aquelas duas províncias estavam juntas ao império. Parecia não se lembrar que após a guerra dos trinta anos elas tinham sido entregues à França por um tratado que durava havia dois séculos. Se essas províncias quisessem ser alemãs não havia que dizer; mas como elas eram francesas, de alma e coração, foi uma violência revoltante, não havendo crime maior do que o de querer ligar qualquer pessoa ou qualquer povo àqueles cuja companhia não é voluntariamente escolhida.

Estavam pois as cousas neste ponto, vendo-se muito bem que ela procurava um pretexto para impelir os seus exércitos para a luta, porque já os não podia conter mais numa paz ruinosa. De dia para dia lhe era mais difícil mantê-los e conservá-los debaixo da pressão duma disciplina dispendiosa, aguardando a hora em que pudesse atirar para cima dos outros povos indefesos essa alcatéia de lôbos embravecidos.

Unindo-se à Austria, fizera dela a sua cega cooperadora, empurrando-a sempre que pretendia recuar ou não secundar o seu sonho de domínio e ambição.

Havéis de saber que este país era também um grande império, que tinha sob o seu domínio povos que não são da sua raça e odeavam o seu governo, mas não tinham conseguido libertar-se do jugo que os asfixiava, tais como a Hungria, parte da Polónia, a Galícia, a Bósnia, parte da Itália e outros.

O imperador Guilherme II tinha na sua mão o da Austria, Francisco José — um velho odioso pelo mal que em toda a sua vida fez e mandou fazer. As sentenças de morte que assinou durante o seu longo reinado eram suficiente motivo para ser odiado e desprezado de todos, se a Humanidade não fosse tão generosa e tolerante para os maus quando se encontram como senhores. Ninguém de razão clara pode compreender que entre seres humanos uns nasçam a mandar, sem merecimentos para isso, e outros a obedecer, tendo merecimentos para dirigir, só porque os pais e avós obedeciam! Mas assim sucede nos povos que têm privilégios que se herdam como propriedades, sem merecimentos que os justifiquem.

Nós, felizmente, que reflectimos as qualidades e os costumes dos grandes povos cultos do passado, que foram os gregos e os romanos, não compreendemos bem esta maneira de pensar dos germânicos, visto que entre nós a aristocracia quere dizer o que a origem da sua palavra grega representa — a escolha dos melhores —; dos *melhores*, dos que se mostraram por qualquer motivo superiores aos outros, tanto faz pela inteligência, pela força, como pelo trabalho que consegue juntar fortuna. Mas nenhuma importância têm os filhos se não souberem conservar o nome herdado. O mesmo não sucede na Austria, principalmente, onde a aristocracia hereditária é uma força que se não pode vencer, e do povo ninguém sabe o que é nem o que sente e pensa.

Causas da guerra

A causa mais imediata de se romperem os diques morais que mantinham os povos numa aparente paz foi o assassinato do príncipe Fernando e de sua mulher, herdeiro do trono da Austria, que estavam em Sarajevo, capital da Bósnia, numa visita oficial.

Ora a Bósnia é um dos países que a Austria violentamente dominara, mas que se não resignava a viver nesse estado, sempre vexante para uma raça livre.

Tanto a Bósnia como a Sérvia são de raça eslava e não podem esquecer o agravo que a Austria lhes fez anexando-as como províncias do império, em vez de as ter como países federados, como foram durante trinta anos.

Estes dois países, perfeitamente separados da Austria pelo rio Save, são irmãos pela raça, pela história e pela religião. Tendo sido durante séculos dominados pelos turcos nunca se deram por vencidos, mantendo as suas qualidades de carácter e detestando os seus opressores.

Quando, em 1879, houve a chamada guerra russo-turca, em que os segundos ficaram vencidos, foram arrancadas ao poder inimigo a Sérvia e a Bósnia.

Mas, enquanto à Sérvia se dava autonomia, com governo e rei próprios, a pobre Bósnia encontrou-se, pela força da política, federada e protegida pela Austria, o que, se era um pouco de alívio aos seus males, não era porém o que representava a sua ardente aspiração. Mas é que às vezes dá-se com os povos e com os indivíduos o que a fábula da «Ovelha e o Lôbo» conta: que ao meter-se, a pobre, a negociar com inimigos mais fortes e sem escrúulos, ficou sem lã e até sem vida.

A Sérvia e a Bósnia, porque tudo as liga para um mesmo destino, queriam formar uma única nação; separá-las foi a primeira violência da Austria, mas, não se contentando com isso, de dia para dia preparava as suas coisas e manejava no sentido de arrancar à Sérvia a liberdade e autonomia, apesar da sua acção gloriosa na última guerra dos Balcans.

Quem pode, pois, estranhar o descontentamento dos dois valentes povos contra a tirânica influência do império austriaco, mandatário da política alemã?

Deu-se o assassinato do herdeiro do trono da Austria e o da sua mulher na sua visita a Sarajevo e imediatamente foi acusada a Sérvia desse crime, sem nada se ter averiguado, sem mesmo se querer saber de provas. Mais pareceu às pessoas, que de fora analisavam os factos, que êsse episódio era um golpe de teatro, só aproveitando a intriga dos impérios centrais, que queriam absolutamente desencadear a guerra.

Senão, vejamos: o governo austriaco instaurou um inquérito particular, imediatamente, sobre a origem do crime, e dez dias depois declarava que o trama fôra urdido na Sérvia e os assassinos auxiliados por funcionários públicos.

Esta extraordinária afirmação era seguida logo dum nota datada de 23 de Julho, isto é, menos de um mês depois do atentado que fôra a 28 de Junho, exigindo entre outras coisas vexantes e inaceitáveis: — que os

oficiais sérvios mais patriotas fôssem demitidos do exército e que seriam funcionários austriacos encarregados de manter a ordem e julgar os acontecimentos. Para tornar ainda mais odiosas estas exigências, o governo austriaco dava apenas 48 horas à Sérvia para aceitar estas condições ou ser declarada a guerra.

Obedecer era perder a liberdade e sujeitar-se a um futuro doloroso e vexante.

Este feroz *ultimatum* acrescentou à sua, já de si antipática violência, o ser escrito duma forma ofensiva para a dignidade duma nação independente e cujo povo merece o respeito de todos os que estimam aqueles que sabem defender os seus direitos.

A Rússia acudiu ao apêlo das suas irmãs pela raça e tentou demover a Austria de tanta exigência.

A Inglaterra, a França e a própria Itália quiseram fazer de medianeiras e arranjar um acordo digno, mas a Austria não aceitou coisa alguma porque tinha atrás de si a força do imperialismo alemão a empurrá-la, não querendo perder êsse pretexto para a guerra, que julgava ser a coroa final do seu triunfo sobre todo o mundo.

Pensavam os militaristas alemães que, envolvendo a Rússia com a Sérvia numa guerra com a Austria, a Alemanha ficava desembaraçada para lançar sobre a França, como efectivamente lançou, os seus exércitos educados para a conquista sem escrúpulos.

Aparentemente parece que a Inglaterra nada tinha com estes factos, embora individualmente não houvesse alma de verdadeiro inglês que se não sentisse revoltada por essa fúria dominadora, tão contrária aos seus princípios e à sua educação liberal.

Em quanto se tratou sómente da Sérvia a Inglaterra só tomou parte na questão para tentar por todos os meios chamar a Austria a uma atitude menos agressiva. O ministro inglês, sir Eduardo Grey, fez o possível, junto do governo alemão, para fazer com que a Austria

se mostrasse menos exigente e ofensiva; mas como era exactamente a Alemanha que queria desencadear a guerra, como já o tinha feito em 1870, nada se conseguiu.

Assim, a Alemanha mobilizando rapidamente os seus exércitos já preparados invadiu o Luxemburgo, que tinha a sua relativa autonomia, reduzindo-o a uma província do império, e caiu sobre a Bélgica dum a forma verdadeiramente odiosa, passando à França, que foi assim invadida por onde ninguém o podia supor, visto que havia um contrato firmado por todas as grandes nações, em 1839, reconhecendo a Bélgica como um país independente, mas absolutamente neutro.

Se a França não tivesse respeitado esse contrato excusava de ser vencida em 1870, pois apesar de se ver sacrificada, não atravessou então a Bélgica para se defender da Alemanha.

Mas esta, tendo declarado agora que os tratados eram para ela *farrapos de papel*, não se importou de fazer a mais negra acção que um povo civilizado pode fazer: — esmagar os fracos e desprevenidos e atraíçoar os que confiam na sua honra!

Pela traição da Alemanha a Inglaterra era obrigada, como foi, pela sua própria honra e interesse de defesa, a entrar imediatamente na guerra, tornando-se a fiadora do direito dos pequenos povos igualados aos grandes pela justiça.

A Bélgica é um país de pequeno território e cuja história, como país livre e constituído nos limites que hoje tem, não é muito longa, mas a história dos países e dos povos não é sómente a que a política determina e sim aquela que a tradição assegura e liga através dos séculos. Podemos dizer que a região que é hoje o reino da Bélgica e o povo que tão heróicamente tem resistido à fúria bárbara do alemão têm as suas tradições de liberdade e de resistência desde os tempos longínquos dos romanos, vindo através da história numa

luta de comovedora persistência pelos seus direitos e liberdades. Hoje, porém, a Bélgica considerava-se livre e perfeitamente garantida em seus limites, pelos tratados que todas as grandes nações tinham firmado para lhe garantirem a sua absoluta neutralidade. Assim o seu pequeno território, admiravelmente trabalhado, tornava a opulenta e próspera, desafiando talvez por isso, e pela sua posição geográfica em frente da Inglaterra e de mãos dadas à França, a cobiça dos maus vizinhos que a sorte lhe deu nos alemães. As minas de carvão e o aperfeiçoamento da agricultura e indústrias que a ela se prendem, tornavam a Bélgica tão próspera e tão rica, que bem se lhe podia dar o primeiro lugar entre os povos que tomam a sério o desenvolvimento da riqueza pública. Basta dizer que as mulheres, compreendendo o seu dever de mães e dirigentes da família, às quais mais compete velar pelo seu bem-estar e prosperidade, tinham tomado o encargo de cuidar científicamente da agricultura, que valoriza a terra e as pequenas indústrias que enriquecem os povos laboriosos.

Antes da invasão germânica podia chamar-se a Bélgica uma nação feliz, e o seu povo um dos que melhor orientavam a sua vida económica e se desenvolviam pelo trabalho e pela instrução.

Vem a onda bárbara dos exércitos alemães e os campos ficam arrasados, as cidades destruídas, as vilas e as aldeias incendiadas, o seu povo esmagado, sacrificado, torturado com mais crueldade e sangue frio do que o poderiam fazer tribos selvagens da América e da África.

Tudo quanto era arte, beleza e graça do opulento país, que era a Bélgica, foi roubado, destruído incendiado, perdido para a humanidade !

Séculos e séculos de trabalho e de inteligência humana tudo foi destruído por uma raça que pertence à mesma espécie, mas não podemos considerar nossa irmã. A riqueza e a arte dum a nação não lhes pertencem

sómente, mas também à humanidade, que as disfruta e que se sente ennobrecida e engrandecida com a existência de monumentos, beleza, indústrias e trabalhos, que representam o esforço do homem para se elevar acima dos outros animais. Portanto, a destruição da linda Bélgica, que era um mimo da civilização europeia só por si, quando não fossem as barbaridades e crimes cometidos contra os homens era já suficiente motivo para levantar contra o invasor a opinião da gente, que, tendo consciência e nobreza de sentimentos, se revolta contra os crimes e contra as injustiças, sem que haja interesses que a vençam nem mentiras que a convencam.

A Alemanha preparou-se durante quarenta anos para atacar a Humanidade, orientando todo o seu persistente trabalho, toda a sua vida interna e externa, para o mesmo fim. Tornou-se desta forma, perante as nações desprevenidas, uma tão formidável força que não foi possível detê-la no seu ímpeto brutal.

A nobre Bélgica, negando-se a ser uma voluntária escrava, tornou-se a santa mártir, que o mundo inteiro desejou libertar do ódio e do domínio dos bárbaros.

Destruindo, matando, vexando, incendiando, os exércitos mecânicamente disciplinados do Kaiser avançaram sobre a França, invadiram as suas ricas e sossegadas províncias do norte e preparavam-se para tomar Paris, que representa, na civilização europeia, não só a capital da França como um grande centro irradiante do espírito da raça latina.

O perigo chegou a ser tão grande e tão imediato, que o governo foi mudado para Bordéus, porque assim ficava garantida a existência livre da nação mesmo que os bárbaros ocupassem e destruissem a capital.

Mas, então, um grande milagre de resistência e de energia se deu: Joffre, o general a quem a França entregou então o comando do seu exército, tendo recuado até as planícies do Marne, fez parar os seus soldados

dos e lançou êste tremendo brado na sua ordem do dia: — Os soldados que não puderem avançar contra o invasor, morrerão no seu lugar!

Esta ordem, que ficará na história como uma das mais belas que um general pode proferir, contando com a disciplina voluntária dum exército de patriotas, teve a sua resposta correspondente. Foi ali que a França contou o primeiro e grande triunfo que a salvou, livrando a civilização latina do domínio germânico.

Este formidável combate pode bem dizer-se que foi a gloriosa repetição da batalha dos campos catalaúnicos, em que os romanos e os povos romanizados venceram e detiveram a marcha destruidora de Atila comandando os bárbaros Hunos, que então, como hoje os seus descendentes, ameaçavam destruir o magnífico explendor da civilização latina.

A êste tempo já a Inglaterra, vendo o perigo que ameaçava a França, e movida pelo dever que os tratados lhe impunham na defesa da neutralidade da Bélgica, começava a desembarcar no continente as suas tropas, organizadas à pressa no mais formidável esforço de voluntário sacrifício. E a guerra tornou-se no inferno, que durou quatro anos, de morte, luto, dor e sacrifícios de parte a parte, tudo por culpa da imperial Alemanha.

Moralmente, os aliados estavam de há muito vencedores, pois que os próprios alemães o tinham dito, no seu orgulho de conquistadores do mundo: — toda a guerra que se não vence em quinze dias, e dura mais de três meses, é uma guerra perdida.

O que êles fizeram para continuar uma luta tão monstruosa, desde que perderam o primeiro impulso que os levava a Paris, foi tornar pela persistência na luta o desastre menos irremediável para o seu orgulho, mas, ao mesmo tempo, torna-lo verdadeiramente criminoso, monstruoso, perante a História.

A guerra que êles supuseram ser uma questão de

alguns dias — só o esfôrço de tudo arrasarem até se instalarem em Paris — foi em quatro anos e três meses uma causa estável, com trincheiras e fortificações defendidas passo a passo, como se o destino de milhares de homens outro não fôsse que o de estar ali a olharem-se e a matarem-se.

A par disso o espírito da intriga, a traição, o subôrno e a mentira têm sido desenvolvidos por todo o mundo para conseguirem aterrorizar, desorganizar e obstar a que os outros povos se juntassem num mesmo impulso nobre e generoso, contra o monstruoso crime da sua louca ambição.

É preciso notar que a grande maioria dos alemães está educada e influenciada de forma a pensar pouco mais ou menos a mesma coisa, tendo uma qualidade, que para nós é um defeito, de se sujeitarem por tal forma à disciplina do mando, que nem discutem ordens, nem sequer em pensamento se revoltam, embora na sua consciencia lhe devesses parecer injustas. Eis o motivo por que a sua acção é semelhante em todos os países, conseguindo desmoralizar os outros povos, falseando as opiniões e arranjando adeptos por todos os meios, desde a intriga até o dinheiro que compra espionas e agentes em toda a parte, promovendo revoluções, greves, mal-estar, revoltas, tudo quanto é desassossego e perturbação.

Foi assim que inutilizaram o futuro da Grécia, obrigando os aliados a ocupá-la militarmente e ficando sem opinião nem classificação possível. Foi assim que levaram a Rússia à maior traição que um povo poderá cometer, sendo uma vergonha humana o que êsse desgraçado país fez contra os aliados, que por ela se lançaram na guerra.

É devido aos seus manejos que a Itália quâsi se perdeu num recuo inexplicável, numa crise de derrostimo de que depois se salvou graças ao heróico esfôrço de patriotas, conseguindo um triunfo definitivo sobre a Áus-

tria, que a colocou no mais elevado ponto a que uma nação pôde chegar.

É pelas suas intrigas que em toda a parte se tem sofrido mais, porque o combater no campo da batalha é uma honra, mas sofrer a traição dentro de casa é o pior que se pôde imaginar.

A fôrça de persistencia desorientam as opiniões, de modo a levar muita gente de pouca resistencia a acreditar em boatos e maus juízos contra os povos que se defendem, principalmente contra a Inglaterra.

Quem hoje disser mal da nossa aliada deve pensar bem na sua consciencia que está fazendo o jôgo dos inimigos, porque a ordem é carregar todas as culpas sobre aquele povo a quem verdadeiramente a humanidade deve o ter-se salvo deste perigo a grande e bela civilização latina.

Durante este período doloroso e mesmo depois de entabulado o armistício, eles não desistem nem se cansam no dobar desta meada, envolvendo tudo e todos, povos beligerantes e povos neutros, os que não entraram na guerra e os que lá mandaram os seus homens a sofrer. Nada respeitam, e é preciso que cada um de nós seja uma fôrça e um grande carácter para resistir às mentiras e traições que andam no próprio ar que se respira.

Em toda aparte sucedeu o mesmo, havendo incêndios em estabelecimentos do Estado, munições de guerra perdidas, distúrbios, revoluções, lutas, tudo quanto fôsse impedir a acção unida da defesa.

Mas, apesar de tudo isso, os povos um a um os foram abandonando, correndo para o lado dos que levantaram a bandeira da razão e da justiça. Os Estados Unidos da América, que tão grande papel representaram nos campos de batalha em França, foram o mais belo exemplo de resistência às intrigas dos alemães que dentro da sua própria casa manobravam, pois que a colónia germânica é ali enorme e poderosa.

Apesar dos seus manejos constantes para desmoralizar a opinião pública, nos próprios países neutros uma grande opinião contrária se formou, e toda a gente que é justa, consciente e livre defendeu a causa dos aliados, que é a causa da justiça.

E como esta sempre triunfa, façam o que fizerem, êles foram vencidos, apesar das dúvidas impatrióticas e dos maus agoiros tão dolorosos para aqueles que pela honra da Pátria se bateram heróicamente.

Por que motivo Portugal tomou parte na guerra

Logo aos primeiros anúncios da guerra a opinião predominante em Portugal foi a favor dos aliados, nem outra coisa se podia esperar dum povo, como é o português, que tem sempre tido, através da sua História, um belo instinto de defesa a aconselhar-lhe o caminho que deve seguir.

Se uma pequena minoria se mostrou favorável aos alemães, também isso é natural e não deve perturbar o conjunto admirável da consciência nacional manifestando-se corajosamente contra um inimigo poderoso, porque também a História nos mostra, com desgôsto, que em certas épocas da vida portuguesa, quando o interesse de todos era estar ao lado do povo, que representa sempre o destino nobre da raça independente e autónoma, alguns, levados pelas paixões e mesquinhos ódios políticos, por interesses pessoais e talvez pela ignorância, muitas vezes se passaram para o lado dos inimigos da Pátria.

Felizmente, também conta a História, sempre foram vencidos pela maioria que defende a autonomia e independência de Portugal. As vezes, como no tempo de D. João I, a luta foi curta, triunfando logo o partido

nacional, defendido por João das Regras e Nun'Alvares. Outras vezes a luta dura muitos meses e até anos, como aconteceu com a dominação espanhola, que levou sessenta para ser vencida, ou como a invasão de Napoleão, que custou vidas, bens e sacrifícios sem nome, tudo devido a não ser logo de princípio a opinião só uma, e a resistência conjunta.

Neste momeato único da nossa História o sentimento da raça despertou, como por encanto, aos primeiros clarões dos incêndios e aos primeiros protestos das vítimas da brutalidade germanica. Parece que em nosso corpo e em nossa alma reviveram as dores dos nossos antepassados vencidos e torturados pela horda bárbara dos invasores germânicos, que há mais de mil anos desceram das selvas da Europa Central para destruir e esmagar a grande civilização romana.

Aos primeiros crimes de hoje todos os povos ligados pelo sangue e pela inteligência à tradição latina, que tanto custou a resuscitar depois do predomínio bárbaro dessa fera gente, compreendeu bem o perigo que os ameaçava.

É preciso que se saiba que a queda do império romano sob a ferocidade germânica deu em resultado um regresso à barbarie, de que só verdadeiramente se saiu quando chegou o grande período chamado de Renascença, que foi iniciado pelo povo português com a grande acção mundial que se chamou os Descobrimentos.

A civilização latina estava há mil anos no apogeu da sua energia expansiva, espalhando-se pelo mundo a grande força civilizadora do seu comércio, da sua indústria, das suas ideias, das suas leis e da sua grande cultura intelectual.

A pouco e pouco iria procurando conhecer todos os povos e ligando comunicações de modo a ser então — o que estava agora sendo — a Terra uma grande Pátria da Humanidade em que todos se conheciam, todos se

respeitando em seus direitos, ideias e costumes. Deu-se a invasão germânica, e êsse povo, que tem por ideal esmagar os que vence e impor, pela força, as suas ideias, os seus costumes e a sua autoridade pela disciplina brutal das armas, cortou todas as comunicações, destruiu e perdeu o fio condutor da grande civilização. Foram precisos séculos para se voltar ao ponto em que se estava antes. E quando os povos ali chegaram é que chamaram a essa época a Renascença, o que bem diz o movimento que ligou o passado ao que então se estava a fazer. Ao povo português coube nesse momento o melhor papel, visto que o destino o chamou a tomar a vanguarda entre os povos europeus, iniciando com o descobrimento do caminho marítimo para o Oriente, e tudo quanto dêsse empreendimento resultou, a nova era, que foi das mais brilhantes da História.

O maior perigo que para os outros povos representa a Alemanha vencedora é a qualidade de dominação que tem a sua raça, pois quando triunfa esmaga, impõe as suas ideias e tudo quere vencer pela autoridade brutal das armas.

O que os alemães e austriacos são como senhores pode bem dizê-lo a Alsácia e a Lorena, Trieste, a Polónia, a Bósnia e todos aqueles que a sorte tinha colocado debaixo do domínio odioso dos germânicos.

Mesmo na própria Alemanha o predomínio da Prússia sobre os outros Estados da confederação seria brutal, ofensivo e insuportável se êles pertencessem à nossa raça, independente e altiva.

Portanto Portugal teve razão quando desde a primeira hora demonstrou toda a simpatia pela causa dos aliados, que é a nossa própria causa.

E não era só o coração e a generosidade da nossa alma que nos indicava desde logo êsse caminho, pois o interesse vital da nossa Pátria, também, felizmente! estava ao lado dos aliados, estando assim de acordo o nosso sentimento com o nosso interesse.

A vitória dos aliados é o triunfo definitivo do direito e da justiça, que garantem a existência das pequenas nações, que nada valem perante o preceito alemão de que «a força está acima do direito». O que sucedeu à Bélgica e à Sérvia bem claramente demonstrou o que para a raça germânica valem os tratados, o direito e a justiça.

Portugal não é, como essas duas, uma nação pequena: antes pela extensão e riqueza do seu território colonial se deve considerar uma das grandes nações do mundo. Mas, porque a sua base na Europa não é muito grande e tem vivido sempre sob a ameaça do espírito dominador e absorvente de Castela, e as suas colónias estão espalhadas pelo mundo, e assim difícil a rápida defesa, precisa absolutamente de que a justiça seja mantida entre as nações e de que a paz não seja uma grande e traiçoeira mentira.

Há quatro séculos que pela nossa coragem, pelo nosso saber e pela nossa inteligente persistência andamos a preparar o caminho para um futuro de honra e de trabalho; não podemos, pois, estar à mercê das ambições de bandoleiros que se deixaram ficar para trás, alapardados nas suas florestas, sem correr os riscos que nós sofremos, e depois do mundo estar conhecido e os outros povos senhores do que legítimamente conquistaram vêm exigir o seu lugar ao sol, como povo colonizador, quando afinal nada mais é do que povo traficante!

Hoje que estamos, pela segunda vez, em plena força expansiva da nossa raça, devemos completar pela acção enérgica, consciente e progressiva a obra encetada pelos descobrimentos e as conquistas, de que Afonso de Albuquerque teve na India a mais clara e nítida visão.

Ora a Alemanha, que chega sempre tarde, exactamente porque assim o determinam as qualidades próprias da sua raça — lenta no sentir e no compreender,

mas obcecada e persistente no estudo e no querer — entendeu em seu absurdo e orgulhoso pensar: que tendo vindo para a civilização mediterrânea muitos séculos depois de nós; tendo-se organizado políticamente, pode dizer-se, nos nossos dias, sem passado que lhe tivesse deixado a sua natural expansão de colónias próprias; podia, firmada na força bruta do seu imperialismo militar talhar à franca no terreno alheio e, em face do mapa-mundi a que nós demos as linhas gerais que a verdade exigia, apoderar-se do que há séculos pertence, por direito de descobrimento, de conquista, de trabalho civilizado e domínio político, às outras nações.

É evidente que não podendo atacar de pronto a forte e rica nação inglesa, nem arrancar-lhe pelas armas as suas colónias, a política alemã, hipócrita e sem escrúpulos, tentou subornar a nossa aliada para que se não opusesse ao roubo das nossas, por todos os lados ameaçadas e ilaqueadas. A invasão alemã começou a fazer-se docemente, mas com uma persistência que sobressaltou os espíritos lúcidos, pelo comércio, pela indústria e pela aparente amizade da gente que invadiu os nossos domínios com uma multidão de bufarinheiros tentadores, esperando êste momento da guerra, que iam preparando com todo o sangue frio e crueldade, para se apoderarem do que pudessem apanhar nosso e de outros países mais fracos e vencidos.

É necessário frisar bem que o ideal germânico tinha um duplo fim: fortalecer os impérios centrais de modo a poderem exercer o predomínio sobre todas as outras raças e nações da Europa, e ao mesmo tempo fundarem um grande domínio colonial à custa dos outros povos.

Era segundo esta ordem de ideias que reclamavam «o seu lugar ao sol», como se cada um tivesse obrigação de dar o que lhe faz falta para engrandecer os outros.

Esta maneira de pensar é própria de bandidos, não de gente que tenha a noção do que é o justo e o injusto.

Para que se comprehenda bem estas palavras basta explicar os factos, que estão ao alcance de todas as claras inteligências. Senão vejamos: como todos os países estavam a recuar perante a responsabilidade duma guerra europeia, que se previa horrível, apesar de ninguém supor que chegasse à violência e barbaridade que êles a tornaram, a Alemanha ia avançando hipócritamente e criando fôrça e audácia para chegar ao desplante de desafiar o mundo inteiro. Assim não admira que Portugal sofresse o primeiro atentado à integridade do território nacional com o roubo de Quionga, na África Oriental, realizado há anos bruscamente e pela fôrça, sem que até hoje nos tivessem dado satisfações.

Esta violência, só por si, mostra bem o que seria Portugal se a Alemanha vencesse, pois que o nosso país não é só representado pela linda terra da Europa, que é a metrópole e as preciosas ilhas adjacentes, Madeira e Açores, como é toda a terra das nossas colônias espalhadas pelo mundo e nas quais se exerce a soberania portuguesa, que formam em conjunto uma das grandes nações da Europa.

Nunca em Portugal se deve ensinar nas escolas nem nas famílias que a nossa Pátria é pequena, pois essa não é a verdade. E pela vida fora, quando diante dum português tal falsidade se disser, têm a obrigação de defender-se como duma verdadeira injúria, porque Portugal é tudo quanto representa a sua soberania e se governa pelas mesmas leis. E nós devemos defender com tanto ardor um palmo de terra portuguesa de África, da Ásia ou da Oceânia, como defendermos todos, até o último sôpro de vida, um pedaço do Portugal continental e as nossas formosas ilhas oceânicas.

A Alemanha, completamente absorvida pela idea de

se engrandecer à custa de todos os outros povos e chegar a ser a senhora do mundo, não se dirigiu sómente para as nossas colónias de África, mas começou também a idealizar uma grande colónia na América do Sul para poder, talvez, opor às belas colónias inglesas da América do Norte.

E então dirigiu sobre o Brasil o olhar da sua águia imperial, e começou a idealizar uma colónia formosa e riquíssima arrancando ao Brasil três dos seus Estados.

Entrando na confiança do nosso povo irmão, na qualidade de emigrante modesto e laborioso, conseguiu iludir a boa fé dos brasileiros, a pouco e pouco lançando raízes e criando fôrças, que já supunha suficientes para justificar o roubo que intentavam.

Pode dizer-se que entravam, como gatunos, *com pés de lã*, para abrirem as portas aos que de fora esperavam o sinal para exercerem o direito da fôrça.

Para que nenhuma dúvida pudesse existir sobre as suas intenções, êles próprios fizeram e espalharam por toda a parte grandes mapas da América dando como colônias alemãs os belos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nos primeiros, o perigo era tão imediato que finalmente sobressaltou os brasileiros, que reconheceram com espanto que estavam a cair numa armadilha mal disfarçada, vendo que já nas escolas só era ensinada a língua alemã; e as camaras municipais, formadas por alemães emigrantes ou filhos de emigrantes que mantinham a nacionalidade do país, até as suas actas escreviam em alemão.

Felizmente que o orgulho desvairado dos governantes levou-os a cometer o insultuoso facto de enviarem um navio de guerra, a *Panther*, às terras de Santa Catarina para conduzirem os moços em idade militar, filhos de colonos alemães, como se fôssem súbditos do Kaiser, para fazerem o serviço no exército.

Então é que o Brasil verdadeiramente compreendeu

o perigo que o ameaçava, e a nós igualmente, pois que insultar o Brasil o mesmo é que nos insultarem também, tão ligados estamos à grande República Americana. O Brasil é para nós sagrado, e ninguém o pode insultar sem o nosso protesto, porque a sua grande missão futura é afirmar ao mundo as qualidades da nossa raça e impor a nossa língua, que se fala no maior país do continente sul-americano, na África, na Ásia e na Oceânia e não sómente na Europa, possuindo uma das mais ricas literaturas e a mais formosa história dos tempos modernos.

A América, que foi descoberta pelo esforço do génio português e pela nossa mão trazida ao convívio europeu, afirma no belo desenvolvimento do Brasil as qualidades de colonizadores que hoje já todos nos reconhecem e poucos povos, mesmo dos melhores orientados, ainda conseguiram igualar.

Mas os insolentes desafios alemães não se dirigiram sómente a nós e Brasil, pois a própria França supôrrou os insultos de Agadir e Tânger na velha questão de Marrocos.

A Inglaterra e todos os outros países desculparam quanto foi possível, sem desdouro, para que a guerra fosse evitada; mas o pensamento desvairado da Alemanha empurrou o mundo para o conflito a que assistimos sem que fosse possível evitá-lo e sem que seja fácil prever quando definitivamente o mundo voltará ao sossego e à normalidade antiga.

Visto que ela assim o quis, cada povo deve cumprir rigorosamente o seu dever, pondo o seu alto pensamento na defesa da própria autonomia e na honra da raça e do país a que pertence.

Não entrar na guerra como beligerante seria o fim de Portugal livre

Todos compreenderam já, pelo que fica escrito, que o imperialismo alemão tem duas faces bem características e ambas odiosas e ameaçadoras para os outros povos.

Por um lado, na Europa, ele queria impor a supremacia da raça germânica e influir sobre todas as outras nações, de modo a ser a Alemanha como que a tutora do mundo, sob o ponto de vista moral, intelectual e económico.

Senhora da Áustria que lhe estava nas mãos, mercê da semelhança de raça e pela fraqueza própria, a Alemanha dirigiu as suas vistas para a Rússia conseguindo dominar a influência intelectual da França, que no princípio do século xix era tão grande, que as guerras com Napoleão não conseguiram abalá-la. Usando de todos os meios e intrigas penetrou no grande país eslavo, e dominou pela corte, que lhe estava nas mãos, pela imperatriz, que era alemã, pelos funcionários, pelos oficiais do exército, em grande parte de raça germânica, pelo comércio e até pela propaganda revolucionária, levando o país ao vergonhoso desastre em que se encontra neste momento, e que será o fatal desmembramento da nação russa.

A Turquia logo no princípio da guerra se mostrou completamente dominada pela intriga alemã. E o estado miserável em que êsse país se encontrava quando pediu a paz, dá bem a mostra do que seria para qualquer outro o predomínio germânico.

Emfim, em quase todos os países, mesmo dizendo-se neutros, a influência desastrosa da Alemanha tudo desorganiza e intriga de modo a favorecer os seus interesses.

¿Mas que admira que a influência germânica se exerce nesses povos, se em alguns de raça latina, tão oposta à sua maneira de pensar, de sentir e proceder, muitas pessoas se deixam iludir e ainda hoje cantam a superioridade dessa raça, que nenhuma ligação moral tem com a sua?! Deste modo, essas pessoas, sem fundo sentimento do dever, auxiliam o pan-germanismo, que seria o fim da nossa civilização, com dois mil anos de predomínio intelectual e de beleza.

Aparte, pois, as dores e tristezas que desta medo-nha guerra para todos têm vindo, é bem certo que ela foi um mal que veio para o bem de obstar o fim da grande civilização a que estamos ligados, vinda da Grécia até os nossos dias, através do espírito e da cultura latinas.

Mas para o nosso caso especial de portugueses, o mal era ainda pior, porque a vitória do imperialismo na Europa determinaria fatalmente o limite das liberdades individuais, que fazem a grande superioridade dos povos ibero-anglo-latinos, despertando talvez, em certos espíritos retrógrados, a ideia, absolutamente contrária ao nosso espírito do passado e ao nosso ideal do presente e do futuro, duma união ibérica, que o interesse germânico tem andado sempre a cavilar, com a hegemonia castelhana.

O que a nós portugueses convém, o que representa a seqüência de nosso passado glorioso e a razão da nossa existência futura, é que Portugal seja o que

foi no século XVI, e nunca verdadeiramente deixou de ser, apesar da sua decadência, mais aparente do que real, o pensamento orientador da civilização peninsular, a linda metrópole dum grande império de colónias mundiais, a formosíssima capital duma nação formada universalmente pela raça portuguesa, seja onde fôr que se encontre, ligada pela mesma consciência, fortalecida pelo mesmo grande e nobre orgulho de ser lusitano. O grande perigo para nós é hoje, como sempre foi, a união ibérica, que algumas pessoas de boa fé chegam a admitir, como no tempo de Filipe II foi aceite por bons patriotas, que tiveram a fraqueza de cuidar que seria possível realizar o nosso destino, dirigidos por outros povos ibéricos. ¿O que foi essa união de sessenta anos, que bem chamada tem sido de cativeiro, porque se tornou um insuportável domínio, que só devido às nossas grandes qualidades de resistência conseguimos sacudir? Todos os que sabem ler e por isso conhecem a história, sabem, ou devem saber, a verdade do que então se passou.

As nossas colónias por pouco se não perderam todas, e algumas por lá ficaram nessa ocasião. Tudo quanto faz o nosso legítimo orgulho se confundiu e se baralhou, perdendo-se no grande todo que a raça castelhana nesse momento dominava, fazendo uma política germânica, absolutamente contrária aos nossos interesses.

Mas, como se diz das crianças que escapam a muitos e terríveis perigos, «estávamos guardados para grandes coisas». E essas grandes coisas são, sem dúvida, o significado da nossa existência autónoma de grande e forte país expansivo e colonial, que o passado nos indicou e o futuro nos exige. Porque a defesa, a que somos obrigados moralmente, não é só a do nosso território político: mas sim, também, a do nosso passado glorioso e consciente, com a tentativa formidável da formação do império do Oriente, sonhada pelo

grande Afonso de Albuquerque, e que não podendo ter realidade, porque éramos poucos para ocupar o mundo inteiro, trocámos pela colonização da América, como antes tínhamos deixado Marrocos pelos descobrimentos, seguindo o caminho marítimo que tão grandes nos tornaram na História.

É, pois, do nosso dever não só a defesa do nosso território nacional como a defesa moral do predomínio da raça e da língua portuguesa, que formou êsse grande país, profundamente lusitano, que é o Brasil, a maravilhosa continuação do nosso esforço colonizador. A Alemanha triunfante combateria, como já estava fazendo, a influência racial pela sua abundante colonização, e destruiria, pela introdução da sua linguagem bárbara, a harmonia do português, língua nacional fixada através de milhares de vidas, por nós sacrificadas, do norte ao sul da grande República.

É certo que a Itália, nossa aliada na grande guerra, tem também para o Brasil uma corrente de emigração que lhe assegura grandes vantagens comerciais e económicas; mas sob o ponto de vista político e histórico nenhum perigo dali provém, porque êsse simpático povo, em muitas coisas semelhante a nós, é imediatamente assimilado pelo meio, principalmente hoje, que as duas Repúblicas lusitanas têm uma consciência mais nítida dos esforços a empregar, para que essa simpática assimilação se faça com vantagens para o país e para todos que no seu desenvolvimento e independência têm interesse. E assim a concorrência italiana, em vez de nos prejudicar, dá-nos força e alegria por vermos a expansão duma raça irmã, combatendo connosco o predomínio antagónico do germânico.

De modo que Portugal, estando perfeitamente de acordo com o generoso impulso dos seus nobres sentimentos, estava igualmente obrigado, pelo interesse da sua própria defesa material e moral, a entrar na guerra como beligerante.

Outros países se moveram para a defesa, vendo a própria independência ameaçada e o seu solo espesinhado pelas tropas do Kaiser; mas nós movemo-nos pelo mais nobre e mais belo dos instintos de defesa que uma raça poderia dar ao mundo.

Embora não deixasse também de existir, como consequência imediata do triunfo do imperialismo alemão, o perigo duma luta na própria metrópole, nós, povo lusitano, povo navegador, conquistador e colonizador, tínhamos de elevar bem alto o padrão da nossa gloriosa história, para que mais uma vez se ouvisse no mundo a grande voz de comando e de orgulho duma raça bem senhora do seu passado e bem certa do seu futuro.

Porque nós, portugueses, seja qual for o nosso destino, estejamos onde estivermos, devemos colocar sempre, acima de todos os interesses e de todas as convenções, o nobre orgulho da nossa grande raça, nunca deixando perder a consciência do passado, que temos de honrar e continuar num futuro opulento e glorioso.

A nossa situação de aliados

Já vimos como o nosso interesse moral nos levou, desde logo, à comunhão com os aliados na defesa da civilização latina. Vimos também, embora muito por alto, como o interesse material das nossas colónias nos obrigava imediatamente a formarmos em frente das tropas alemãs, como seus inimigos irredutíveis. Também constatamos como é contrário ao seu o nosso grande interesse de povo emigrante para a grande República brasileira.

Vamos agora pesar bem os motivos por que estamos, e devemos estar, com a Inglaterra, neste formidável conflito mundial.

A política inglesa gira sobre um ideal absolutamente de acordo com o nosso: integridade da metrópole, aplicada ao desenvolvimento dum grande império mundial.

Mas não exigindo a sua acção mais colónias, como bem o prova o respeito com que tem tido a seu lado as nossas possessões encravadas no grande império da Índia inglesa, a nossa colónia de Macau, a duas horas de Hong-Kong, e a nossa vida colonial na África do Sul, paralela à sua, a Inglaterra prova bem à evidência que

não é, neste momento, pela sua política consciente um povo conquistador, mas sim um povo senhor da sua força individual, que exige o completo e livre desenvolvimento da sua acção dentro dos limites do seu enorme império.

Ora nisto a Inglaterra está completamente diferenciada do ideal alemão, que é conquistador. O domínio, a disciplina da casta militar, sem respeito pelo indivíduo, e muito menos pelos outros povos, que supõe mais fracos, não perdendo ensejo de, pelas suas mãos, os enfraquecer e desorientar para os poder engulir, como um tigre mói e tortura e acaricia as vítimas, para depois as triturar nos seus dentes de fera e engulir como massa informe, entrando no insaciável estômago, que para o sonho imperialista alemão é a composição disparatada da confederação germânica, esplhada pelo mundo.

E não nos iludamos com a paz, nem com os seus apregoados sentimentos democráticos e pacifistas; a Alemanha, apesar da derrota, continua a ser imperialista, porque não se muda dum dia para o outro; como numa fita de cinematógrafo, os sentimentos dum povo ao qual se impôs durante um século um ideal de força, de conquista e de desprezo pelos outros.

Vemos, pois, que perante a Inglaterra colonial, cheia de força e da energia orgulhosa e nobre do indivíduo inglês, o perigo para nós só vem da nossa própria fraqueza de vontade, deixando que, em concorrência lial, os nossos vizinhos se tornem superiores pelas suas qualidades morais e materiais.

Somos, ou por outra, tornámo-nos, porque o não éramos dantes quando realizámos a maior obra histórica da civilização europeia, um povo sentimental, mas sem um fundo sentimento da responsabilidade dos factos. Pela falta de educação estamos mal habituados a um trabalho autónomo e produtivo, vencendo as dificuldades da vida como quem entra num combate de

cada hora, em que a existência de cada indivíduo é uma lição de energia e de vontade para os outros que o rodeiam.

Portanto, se nós, portugueses, juntarmos, às grandes qualidades nativas da nossa raça — compreensão e adaptação rápidas, coragem na hora do perigo e resignação para suportar os reveses — as qualidades adquiridas pela disciplina da educação: persistência no trabalho inteligente e consciência da própria força, nenhum receio nos causa a vizinhança da Inglaterra, que tem quase tanto interesse como nós próprios em que o seu mais antigo aliado seja um forte e respeitado país, tanto nas colónias como na metrópole, que representa uma das melhores posições geográficas do mundo.

Perante a energia, a fé e a formidável consciência do povo inglês, nós não podemos continuar a ser um corpo morto, sem orgulho do seu passado e consciência do seu grande futuro, como a educação mal orientada dos últimos séculos nos fez.

Se assim fosse, ela, ou outro qualquer povo mais forte, mesmo inconscientemente e sem lutas, nos invadiria e submergiria a nossa personalidade nacional.

O actual momento histórico deve ser para Portugal o ponto de partida para uma nova época de grandeza e predominio nacional, formado na consciência da própria força.

Para continuarmos a existir, conservando o misero lugar inferior a que nos temos sujeitado, numa existência apática e apagada, decerto não era necessário dar um passo nem fazer um gesto, desinteressando-nos de uns e dos outros.

Mas isto não podia fazer-se, porque o chamado período de decadência que atravessámos, e outra cousa não foi senão o esmorecimento causado pela falta de educação cívica do povo durante os últimos séculos, definitivamente deve ter acabado, preparando-nos para um futuro honrado e brilhante.

Se o nosso país estivesse moralmente morto de certo que nada tinha que fazer na guerra, nem por uns nem pelos outros, pois para um povo sem consciência cívica tanto lhe importaria que no cemitério em que repousasse passassem, triunfantes e insolentes, as botas pesadas dos germânicos duros e avaros, como lutassem com energia, colhendo as flores dos seus rosais, os passos vencedores dos aliados.

Só aos moralmente mortos ou aos miseráveis traficantes da nacionalidade conviria uma paz em que não houvesse vencidos nem vencedores, porque o aniquilamento e a ruína geral convém sómente aos que não têm coragem nem energia para lutar e defender a honra da Pátria, vivendo, como os abutres, da morte e da podridão.

A nós, portugueses, aliados e amigos da Inglaterra, convém-nos lutar a seu lado, numa livre concorrência de energia, vencendo os inimigos da civilização latina, para a expansão moderna da qual tanto temos trabalhado, que são para nós, como vimos, inimigos e correntes naturais.

Compreendido assim o nosso duplo papel e o nosso interesse moral e material, vemos que estamos no nosso verdadeiro lugar entrando como beligerantes junto dos aliados anglo-latinos contra os germânicos e os seus aliados os turcos, seculares inimigos dos povos europeus.

No século XVI fomos nós que os impedimos, êsses mesmos turcos, de escravizar a Europa, vencendo-os no Oriente; não é de mais que no século XX entremos na luta em que definitivamente foram vencidos, libertando-se da sua tirania tantas nações que agonizavam esmagadas pela sua cruel e selvática política, que só podia achar apoio no duro sonho imperial da Alemanha.

Fixemos pois este ponto, que assaz nos parece demonstrado:

—O povo português indo voluntariamente para a guerra, pois que obrigado não haveria fôrças humanas que o fizessem marchar, compreendeu com uma admirável intuição onde estava o interesse futuro da sua Pátria, querida mais do que tudo, posta acima de todos os interesses, ideais e más paixões. Eis o que neste momento nos eleva e nos orgulha, fazendo esperar novos e mais dignos e honrados dias para Portugal e para a bôa e nobre gente portuguesa.

A aliança anglo-lusa

A aliança política de Portugal com a velha Inglaterra tem na história períodos distintos, que bem necessário se torna fazer conhecer dos dois povos e não ficarem tão sómente fechados nos arquivos dos governos.

O que tem comprometido a amizade que cordialmente devia unir as duas mais antigas aliadas da Europa, Inglaterra e Portugal, é o desconhecimento das qualidades e defeitos que podiam, bem encaminhados, tornar-se mais um motivo de mútuas simpatias, visto que as próprias dessemelhanças conduzem, por vezes, às mais sólidas amizades, desde que haja lialdade e respeito de ambos os lados.

Os tratados que ligam os dois países têm correspondido sempre a interesses mútuos e, por assim dizer, exteriormente iguais.

Quando, por vezes, têm afrouxado as relações e esquecido as letras dos convénios, significa tão sómente incompreensão dos interesses mútuos por parte dos governos, que nem sempre representam os interesses e as aspirações da consciência nacional.

Não falando das relações comerciais que já havia

no tempo do bom rei D. Dinis, entre as duas nações, a nossa aliança política começou, de facto, no tempo do rei D. Fernando, que se apoiou na Inglaterra para se defender nas lutas com a Espanha, cada vez mais ameaçadora para a nossa independência política.

Por sua vez, D. Fernando, seguindo o mesmo critério da união dos povos da península numa só grande nação, queria impor a unidade, com a hegemonia lusitana, o que era um arrojado pensamento denotando orgulho patrio; mas foi sempre um ideal que se não pôde nem talvez poderá realizar-se, porque a isso se opõe o orgulho dos outros povos peninsulares, apesar de, em federação, Portugal ser o núcleo maior; e sempre que a acção da Península foi grande em seu conjunto a orientação e impulso tem sido dados por nós, como sucedeu, por exemplo, com os descobrimentos e colonizações, cujo inicio foi absolutamente português.

Nesse tempo havia em Inglaterra um pretendente à coroa de Castela, que era o príncipe João de Lencastre, casado com a filha e herdeira do rei D. Pedro I, morto pelo Conde Trastamara.

Foi para proteger a sua pretensão que D. Fernando contratou uma aliança que foi a primeira pedra, por assim dizer, a base, de todos os outros tratados que há seis séculos, ligam os dois povos que possuem a mais antiga e forte união que entre países existe na Europa, sendo bem significativo que assim estejam unidos por interesses idênticos, o povo que se encontra mais ao ocidente com o que, no dizer magnífico de Camões, é

«... quásí cume da cabeça
Da Europa toda, o reino Lusitano
Onde a terra se acabou e o mar começa...»

envolvendo esta parte litoral do velho continente num colar brilhante, que afirma a grandeza expansiva das raças anglo e lusitana.

E facto que a aliança da Inglaterra com Portugal obedecia nessa época ao interesse que tinha aquela nação em ferir a França, sua adversária na grande guerra, que se ficou chamando dos *cem anos*; mas é também evidente que D. Fernando pesou bem os interesses nacionais que o levavam a unir-se com um país, que estava em guerra com outro, nesse tempo em grande comunhão de pensamento com a Espanha, que representará sempre a ameaça viva à nossa integridade nacional.

Vemos, pois, que Portugal e a Inglaterra tinham iguais motivos para assinarem o tratado de 1372, que significava: para nós a guerra a Castela e a aspiração dum maior Portugal, para a Inglaterra a derivação de fôrças castelhanas e francesas do teatro da acção, que era nesse momento a França.

Nessa primeira arrancada da política internacional do nosso país só um facto glorioso podemos contar: que foi a heróica defesa de Lisboa cercada pelos castelhanos, que tiveram de recuar ante a energia indomável da capital dum país que apenas começava a definir a sua consciência nacional. Por desgraça, o dirigente máximo do povo, o rei Fernando, era uma criatura lúcida mas de vontade fraca, cuja acção não podia assim corresponder à grandeza do pensamento, nem à visão inteligente das coisas, que efectivamente tinha.

Faltando os elementos indispensáveis para o triunfo duma causa nacional — a consciência firme do povo e a direcção enérgica e determinada dos chefes — era natural que essa guerra fosse desastrosa, como foi, para nós, pois tendo chegado a invadir a Galiza foram as nossas tropas forçadas, sem razão, a recuar em seu avanço.

Morto o rei D. Fernando, as intrigas palacianas e as ambições dos grandes pode bem dizer-se que tinham perdido a Pátria entregando-a a Castela pelo direito de

herança da princesa D. Beatriz, filha do rei, casada com D. João I, de Castela. Mas o povo não dormia; e nessa ocasião, quando menos o esperavam, realizou num impulso salvador a mais bela e nobre revolta dos primeiros séculos da nossa história.

Relembrar essa época é encher o nosso coração de ternura e reconhecimento por esse bom e humilde e corajoso povo, que repeliu com energia nunca vista a traição dos dirigentes, e se colocou ao lado daqueles que defendiam o princípio sagrado duma nacionalidade mal esboçada e já com elementos de vida, por tal forma grandes que soube resistir e afirmar se, apesar da opinião quase geral dos senhores, que queriam ser vassalos da Espanha.

A aliança com a Inglaterra, encetada pelo rei D. Fernando, foi renovada pelo mestre de Avis e o seu partido popular, tendo um novo e mais justo sentido, que era o auxílio para a defesa do nosso próprio território, invadido e vexado pelo exército inimigo, aumentado com os próprios naturais, portugueses sem desejo de autonomia e tão sómente com ambições miseráveis, que preferiam fazer da Pátria uma província de Castela desde que o seu próprio interesse fosse satisfeito.

A nossa luta foi grandiosa e bela, e os campos de Aljubarrota viram lado a lado, como hoje se encontraram nos campos de batalha da França e da África Oriental, os soldados aliados anglo-lusos morrendo e triunfando na defesa do direito e da justiça.

Já despertada a consciência nacional por esse movimento do povo português, que repeliu o estrangeiro e os estrangeirados, e elegeu seu rei o príncipe ilegítimo D. João, mestre de Avis, a aliança com a Inglaterra mais se radicou entre os dois povos, firmando-se moralmente pela união do nosso rei com a princesa da casa de Lencastre, D. Filipa, a mãe bem amada dos grandes infantes, «inclita geração», que encarnaram,

por assim dizer, a alma nacional, e deram à Pátria portuguesa o seu nobre e imortal sentido: especialmente o maior dos portugueses do seu tempo, o infante D. Henrique, o iniciador das grandes navegações. Dessa aliança ficou a recordação material dum a maravilhas arquitectónicas da nossa terra, o mosteiro da Batalha, edificado para comemorar o triunfo de Aljubarrota, de que nesse momento dependeu o futuro da nossa nacionalidade, e que foi construído sob a direcção de arquitectos ingleses e portugueses.

O princípio da expansão portuguesa

Os portugueses, tendo completado o periodo de formação interna da sua nacionalidade, absolutamente diferenciada dos outros povos da Península, e fixado as suas fronteiras internas, que são quásias mesmas de hoje, reconheceram que tinham pequeno espaço para a sua grande alma e justa ambição.

Assim, não podendo estender os seus vôos para fora dos limites estreitos das fronteiras terrestres, dirigiram para a África o seu pensamento e encetaram, pela conquista de Ceuta e demais praças de guerra, da velha terra de Marrocos, o novo período expansivo da Europa, que estacionara nesse sentido depois do esforço das Cruzadas à Terra Santa.

Foi pelo estreito de Gibraltar que se escoaram para a África os árabes expulsos da Península, era por ai que Portugal começavam a obra de penetração e conquista, que deu novo rumo à civilização moderna, dirigida nessa primeira e perigosa arrancada pela mão robusta dos timoneiros portugueses.

O sonho da conquista de Marrocos foi o despertar de energias inéditas para a alma nacional. Foi por esse belo movimento de inteligência e consciência que

a História marcou o início da nossa grandeza, e foi também por êle que tragicamente fechou a última página dessa admirável epopeia.

Volvidos quatro séculos sobre êsse grande facto, que só por si colocaria Portugal a par das maiores nações europeias, ainda outros países, com recursos incomparavelmente superiores aos que nós então possuíamos, estão lutando, sem avançar mais do que nós fizemos nessa época.

Depois dos feitos guerreiros para a conquista de Marrocos, Portugal encetou as navegações pelo Atlântico, que foram a marcação segura do caminho marítimo para a Índia e do Império que ali delineámos num conjunto de tanta grandeza, que não há palavras com que hoje se possa bem fazer compreender o seu enorme alcance.

O pensamento de Afonso de Albuquerque, o maior português da nossa história, foi tão grande que não há outro homem a quem o possamos comparar nos modernos tempos, e tão sómemente no passado vemos em Alexandre da Macedónia uma acção e um ideal que se assemelha ao que fez e ao que intentava fazer. Ele foi tão formidável no seu belo sonho de grandeza, que para uma raça europeia o ter, em parte, conseguido realizar, foram necessários três séculos de trabalho e de desenvolvimento de força e riqueza dum país como é hoje a Inglaterra. Lord Clive, o iniciador do domínio da nossa aliada na Índia, mais não teve que fazer senão pôr em execução o plano do nosso grande capitão, que poderia ter sido executado por nós se os descobrimentos da América não tivessem para ali desviado a energia e emigração duma raça que, em poder numérico, não correspondia à grandeza da sua acção mundial.

Em quanto nós caminhávamos pelos mares na realização dum sonho deslumbrante de força e inteligência, mandando ao descobrimento de novos mundos as nossas

frotas e trazendo a riqueza fabulosa que nos tornou então a maior potência marítima do mundo, a nossa aliada esteve durante todo o século xv restringida a uma actividade, por assim dizer, interna, apenas dominando no ocidente da Europa pela política de alianças e a ocupação de Calais.

Nesse tempo, que corresponde à maior expansão marítima do nosso país, a aliança com a Inglaterra teve pouca ocasião de se manifestar, tão diversos eram os interesses que nos preocupavam. As guerras civis na Inglaterra, como as tristes lutas religiosas entre católicos e protestantes, limitaram a acção da nossa aliada até ao reinado da grande rainha Isabel, que tomando com segurança a direcção dos negócios do seu país o levou ao maior esplendor. É dessa época que devemos contar a entrada da Inglaterra no número dos povos que verdadeiramente têm desempenhado na História uma acção de progresso e civilização mundiais.

Espanha e Portugal

Por êsse tempo a Espanha começou a seguir as nossas rotas, servindo-se dos estudos por nós feitos e aproveitando a gente que nas nossas escolas e prática de navegação tinham aprendido. E entre os elementos portugueses por ela aproveitados, não devemos esquecer que foi com estudo e documentos portugueses que Cristóvão Colombo ali foi oferecer-se para encontrar um novo caminho para a Índia, e, navegando para o Ocidente deparou com a América já aliás descoberta, na Terra Nova, pelos Côrte-Riais. Menos ainda devemos esquecer o nome de Fernão de Magalhães, que deliberada e conscientemente seguiu o caminho da América até encontrar passagem para o Pacífico pelo estreito, que ficou na geografia com o seu nome imortal. Foi a expedição por êle organizada e comandada, e onde outros muitos portugueses iam, que realizou a primeira viagem de circunnavegação mundial.

E se Fernão de Magalhães, um dos maiores portugueses do seu tempo, não realizou êsse feito sob a nossa bandeira, é porque, infelizmente, os governos nem sempre sabem apreciar o valor dos homens, e às vezes podem mais as intrigas e as invejas do que a razão e o valor pessoal.

A época de grandeza expansiva de Espanha seguiu-se imediatamente à nossa, e o desenvolvimento paralelo dos dois povos da Península foi tão grande que o Papa, árbitro então das opiniões da Europa, houve por bem dividir o Novo Mundo, que a nossa acção fizera desenhar aos geógrafos, entre as nações portuguesas e espanhola.

O nosso Império expandiu-se pela América do Sul, por toda a Ásia e Índia, não largando de mão a África nem desprezando a ocupação das ilhas e mais terras conquistadas.

Mas sendo nós uma pequena metrópole para um tão grande domínio, achamo-nos em desvantagem ao lado de Espanha, dominada pelos Habsburgos que lhe juntaram a Áustria, parte da Alemanha, a Flandres e a Itália. Foi um verdadeiro e momentâneo triunfo do espírito absorvente e imperialista dessa família de sangue germânico, que arrastando e vencendo o espírito latino deu origem ao princípio da decadência dos dois países da Península Ibérica, contrariando as suas aspirações e qualidades de expansão inteligente e civilizadora.

Contra essa política absorvente e deletéria da Espanha só a França lutara de princípio, mas nós não podíamos encontrar nela a aliança e a força necessárias para resistirmos ao perigo, porque a sua política continental, e as tendências diferentes dos dois povos, nos alheavam mútuamente.

A raça portuguesa, lutando heróicamente contra a desnacionalização a que a Espanha a queria arrastar, embora estremecendo em sinais evidentes da febre da decadência, teve ainda um lampejo de energia e fé na tentativa de Marrocos, que bem demonstra que se não havia perdido de todo o sentido inteligente do nosso destino expansivo.

A expedição a Marrocos, mal organizada, talvez, atraíçoada por todos os lados deu o grande desastre

de Alcácer-Quibir, que depressa seria reparado se não fôsse a campanha derrotista, que imediatamente se lhe seguiu. Todas as guerras têm desastres, mas um povo senhor de si não se entrega à resignação inglória, como então sucedeu, senão quando outros elementos dissolventes e as traições espalham ao batimento e destroem a energia para a resistência.

Depois dessa desastrosa campanha de Alcacer-Quibir, em que ficou morto o rei D. Sebastião e a gente principal do país, é que pela força das circunstâncias fomos levados a acatar o domínio do austriaco Filipe II, que não conquistou, mas sim ocupou um país, que lhe abriu voluntariamente as portas, no meio da desolação, do luto e da tristeza, causada, pela perda do mais lúzido exército que até ali tínhamos organizado.

Mas precisamos fixar bem que esse desastre não foi uma derrota que nos envergonhe, nem a nossa ida à África, para conquistar Marrocos, uma loucura, como depois se disse, mas sim foi um acto de defesa da raça, que precisava retemperar-se e fortalecer-se para poder resistir á péssima orientação da vizinha Espanha.

Sofremos uma passageira derrota, é certo, mas o espírito da raça não ficou vencido, e sessenta anos depois continuavamos o caminho glorioso encetado, levando atrás de nós as colónias que nunca se deixaram absorver pelos usurpadores. E até neste facto o nosso destino é semelhante ao da nossa aliada, que nesta formidável hora de luta, em que esteve em perigo o seu futuro, se encontrou apoiada por todas as suas colónias, inclusivamente aquelas que os alemães tinham preparado por uma propaganda tenaz para uma luta separatista.

Nesse tempo a Inglaterra, sempre em luta com a Espanha, estava naturalmente indicada para compreender a nossa ânsia de nos libertarmos do opressivo jugo de Castela, encetando-se então a renovação da nossa, já velha, aliança.

Proclamada a independência em 1640 firmámos com novas cláusulas essa antiga e nunca de todo esquecida aliança anglo-lusa, fortalecida ainda mais pelo casamento duma filha do Duque de Bragança, proclamado rei de Portugal com o nome de D. João IV, com o rei de Inglaterra.

Com a perda da autonomia muito prejuízo teve Portugal, pois não só a Inglaterra alargara os seus domínios, encetando o grande império colonial à custa das nossas possessões, não tiradas a nós, mas à Espanha, que nos englobara despóticamente nos limites das suas fronteiras políticas, como a Holanda, justamente inimizada com a Espanha, formou o seu domínio colonial à custa do nosso imenso território espalhado pelas quatro partes do mundo.

E aqui fica provado como o imperialismo da Espanha, ou qualquer outro que na Europa pudesse dominar, seria sempre o maior inimigo do grande sentido expansivo, civilizador e colonizador da nossa raça, individualista e livre, conforme a herança do sangue e da civilização que legítimamente representamos.

Falta de consciência nacional

Liberados em 1640 da pressão terrível que nos impunha a hegemonia de Castela, renovada em bases seguras e duradouras a nossa aliança com a Inglaterra, que é a aliança mais natural e que mais se harmoniza com os nossos interesses morais e materiais, a administração interna do país não correspondeu de modo algum às legítimas aspirações da nação.

Infelizmente, tem sido sempre esse o nosso mal. Os dirigentes deixaram perder então, como outras vezes mais tem sucedido, uma admirável ocasião de secundar pelo espírito de disciplina, pela instrução e pelo trabalho, a acção esplêndida dos patriotas e não impuseram à consciência nacional a grande verdade, que nos tornaria uma das mais respeitadas nações do mundo: de que tanto se é herói trabalhando e progredindo como lutando e navegando.

A falta desta compreensão, que deveria formar a verdadeira consciência nacional, é que tem prejudicado Portugal, obstando a que ele conserve os lugares que a sua heroicidade, a sua inteligência e a sua coragem sempre lhe têm conquistado na acção guerreira.

Não nos devemos convencer de que seja um defeito

de raça; mas que o fôsse, a educação modifica maiores defeitos e este, é necessário acabar para que o futuro seja, neste sentido, maior do que o passado.

Nessa terrível época os nossos governantes, tomando posse do país esgotado e esfarrapado pelo domínio espanhol, não lhe deram o desenvolvimento económico que lhes cumpria dar, de forma a criar uma grande expansão económica que nos colocasse ao lado da Inglaterra, que então começava o seu desenvolvimento económico, em igualdade de circunstâncias e em campos de accão determinados, que nenhum prejuízo mútuo causaria, antes pelo contrário.

Em vez disto, por falta de consciência e conhecimento dos deveres cívicos, que cada cidadão dum Pátria livre deve possuir, adormecemos no nosso comodismo e entregámo-nos de pés e mãos atados à indústria e ao comércio inglês. No exterior explorámos a riqueza mineira do Brasil e, cheios de dinheiro e de ouro, em vez de escolas fizemos igrejas, em vez de agricultores e mães de família instruídas e laboriosas frades e freiras, em vez de indústrias nossas gastámos milhões a comprar bulas, deslumbrando as côrtes estrangeiras pelo luxo dos nossos émbaixadores, que mais pareciam representar reis exóticos do Oriente do que chefes dum grande nação, que pela sua coragem e intuição dos deveres de raça acabava de fugir ao maior perigo que pode existir para um povo, que é a absorção da sua autonomia moral por outra nação mais numerosa.

Durante a época que vai de 1640 a 1910, em que a quarta dinastia chamada dos Braganças, por ser um duque dêste título o primeiro aclamado rei depois da independência, reinou como governo absoluto e constitucional, só um homem houve que bem interpretou e comprehendeu qual devia ser o nosso papel como aliados da Inglaterra.

Esse homem foi o Marquês de Pombal, que usando,

com energia, um grande descuftino político e um incontestável e nobre orgulho nacional, da influência que tinha no ânimo do rei D. José I, que servia como Secretário de Estado, cuidou em valorizar a nossa aliança, engrandecendo-nos e enriquecendo-nos pela industria, pelo desenvolvimento da agricultura e das colónias, cuidando da instrução do povo, para nos tornarmos juntos dos nossos aliados amigos e irmãos na luta e na defesa, jámais escravos desprezíveis duma fôrça que, por nossa culpa, não tínhamos.

Esse homem, porque assim sentiu a consciênciada sua responsabilidade nacional e porque fez quanto em fôrças humanas cabe para levantar moralmente o país e criar uma forte energia nacional, merece o respeito e a consideração que nenhum patriota pode negar à memória de quem pela Pátria trabalhou com dedicação e inteligência.

A sua memória deve ser honrada, escurecendo-se os defeitos, violências e até crimes, que ordenou, não o devendo julgar pelo nosso critério de hoje, mas pelo que sentiam e pensavam os homens dêsse tempo, em toda a Europa.

Foi o Marquês de Pombal que obrigou o país a desenvolver-se internamente, aplicou princípios conscientes à nossa colonização, limitou a acção avassaladora da Inglaterra e mostrou lhe qual o papel que, a ela e a nós, cabia como aliados. Mas a sua acção não foi compreendida pelas classes dirigentes; e, por interesses mesquinhos de políticos e elementos cosmopolitas, isto é—que não têm a noção da Pátria como elemento constitutivo da individualidade—a sua obra foi destruída e desvirtuada depois.

Ele não tinha feito tudo quanto seria preciso para deixar a nação no seu máximo explendor, mas fez tudo quanto pode para preparar o terreno onde uma raça fortemente disciplinada poderia exercer a sua nobre e inteligente actividade.

A obra dum homem não pode ser uma obra definitiva, porque o tempo utilizável para o trabalho e para a acção é limitada na existência de cada individuo. Conceber um plano e realizá-lo não pode ser obra dum a vida, mas dar o impulso e indicar o caminho é já bastante. O ponto está em que a consciência cívica do povo se eleve pela educação, e assim corresponda ao ideal dos que vão na frente e concebem as grandes ideias.

A iniciativa formidável do Infante D. Henrique, o iniciador das navegações, e do sobrinho, o rei D. João II, correspondeu uma nítida consciência nacional secundando a idea com a sua dedicação e a sua fé. E por isso o nosso papel histórico durante todo o período dos descobrimentos e conquistas correspondeu à maior glória que um povo pode atingir.

No tempo do Marquês de Pombal a nação conservava-se adormecida e inerte, depremida por um século de sofrimento, de preguiça, resignação e falta de orientação educativa; e assim, por mais que ele quisesse não houve chicotada que erguesse o povo num movimento colectivo de compreensão do ideal patriótico dêsse homem, que poderia ter todos os defeitos, mas teve para nós uma qualidade que sobreleva a todas: orgulhava-se da sua Pátria e soube erguê-la em todos os campos.

Em tudo quanto fez, mesmo nos seus erros e crimes, filhos da orientação do tempo, o Marquês de Pombal mostrou ser um homem de carácter e vontade firme, desejando sempre colocar Portugal no lugar de honra que o passado nos garante.

Porque, para uma nação, como para uma família e até para um indivíduo, ter um grande passado é muito bom: mas se o presente não corresponde à sua grandeza, em vez de honroso torna-se ridículo falar em coisas que só se podem provar com papéis dos arquivos.

Ora o Marquês de Pombal fez quanto pôde — e muito pôde em quanto governou em nome do rei — para levantar o país, tornando-o opulento pelo trabalho e pela administração interior, mantendo com dignidade o seu papel perante o estrangeiro. Foi, portanto, um grande cidadão, cuja memória devemos honrar.

Morto o rei D. José, de quem êle tinha o poder, os inimigos trataram de destruir criminosamente o que havia de bom, sem verem que atacar a sua obra era atacar o progresso e o bem da nação. Podiam ter ódio ao homem, mas se fôssem governantes inteligentes e, sobretudo, com um verdadeiro sentimento do destino da raça, teriam aproveitado e continuado a sua obra.

No tempo de Napoleão

No princípio do século passado encontrava-se a França abalada pela sua grande revolução e pelos desastres e perturbações que a ela se seguiram. E foi então que entre os seus mais novos defensores se salientou Napoleão Bonaparte, que tendo vencido algumas batalhas, comandado algumas expedições felizes, dominou os homens do seu país, passou de defensor da República a Imperador dos franceses, e tentou realizar, a custa de guerras sem fim, a hegemonia francesa sobre todas as nações da Europa. Isto é: a França dominaria como orientadora e senhora de todas as outras nações europeias.

A loucura guerreira produz sempre os mesmos fenómenos de violência a arbítrio, conduzindo aos mesmos resultados: a reacção dos povos contra os dominadores, numa luta violenta e nobilitadora.

A França, levada pela mão de ferro do Imperador para a conquista e para o domínio, deparou pela frente, como hoje aconteceu à Alemanha, com a resistência explêndida da livre Inglaterra, que ante a ameaça que lhe era feita de a isolar do mundo, pelo bloqueio continental, encontrou em nós, seus velhos aliados, o

auxílio que lhe pudemos dar, em ocasião de tão grande perigo.

Assim, ao lado da Inglaterra estivemos há um século envolvidos no grande turbilhão de lutas e de sangue que passou pela Europa. enlutando, devastando e martirizando, embora não tenha chegado à monstruosa conflagração de hoje.

Mas, por desgraça nossa, os governos de Portugal não estavam à altura do destino do povo, e fomos para essa luta sem a grande, a nobre, a verdadeira consciência da nossa responsabilidade histórica. O rei e os seus ministros não compreenderam qual o papel que devíamos representar ao lado dos nossos aliados, sem hesitações nem transigências vergonhosas, não se compe-ntrando da enorme força que representará sempre a nação portuguesa em qualquer conflito europeu, ainda que mais não tivéssemos do que as vantagens da nossa posição geográfica no continente, ilhas e colónias e, nesse tempo, o Brasil que ainda nos pertencia.

O povo, sem ter compreendido o momento histórico em que se encontrava foi verdadeiramente atraído por um governo hesitante, pusilame e sem patriotismo, que umas vezes se inclinava para a Inglaterra e chegava a rastejar miseravelmente, sujeitando-se a todas as imposições, não se atrevendo a negar-lhe o auxílio que lhe devíamos como aliados; outras vezes obedecia a Napoleão, prestava-lhe vassalagem, consentia na invasão dos seus exércitos e, peor do que isso, dava-lhe homens para fazer um corpo de exército que se chamou a legião portuguesa e nos honrou militarmente em todas as campanhas onde foi levado. Mas, sob o ponto de vista moral, nada mais doloroso, de facto, do que irem soldados portugueses combater pelo triunfo daquele que ao mesmo tempo esmagava e empobrecia a nossa Pátria.

Esta tristíssima atitude colocou-nos numa situação que prejudicou todo o sacrifício que efectivamente

fizemos. Querendo contentar a todos e manter a neutralidade, sempre perigosa, no fim de contas não contentamos ninguém. Os governos hesitantes e sem uma visão clara dos deveres patrióticos, levaram-nos então para um verdadeiro abismo moral e material, de que nos custou salvar. Também hoje aqueles que fizeram e fazem uma deslial campanha contra a Inglaterra, e pretendem que o nosso campo era uma cómoda neutralidade, não são melhores patriotas do que eram êsses que tão mal fizeram ao país no princípio do século dezânoe.

Há pessoas que imaginam que é possível estar bem com amigos e inimigos, sem se inclinarem para nenhum dos lados, não vendo que os povos, tal qual como os individuos, devem seguir sempre na vida um caminho definido e mostrarem em todas as ocasiões uma só fé e uma só cara.

Se em vez da conduta dúbia e miserável do governo português, a desfazer-se em desculpas diante do Imperador dos franceses e a tremer diante do governo militar da Inglaterra, nós tivéssemos, como agora fez a República, consciente e determinadamente seguido o dever de aliados, em vez do país talado pelo estrangeiro, desprezado por uns e pelos outros, como se mais não fósse do que um taboleiro de jôgo onde, à vontade dos adversários se mudassem as pedras, teríamos ganho muito com a nossa intervenção firme ao lado da Inglaterra, vitoriosa então, como hoje o foi, com os seus aliados, do cesarismo criminoso da Alemanha.

Mas não! Em vez de tomarmos, como agora, uma atitude calma, digna, forte e lial, deliberadamente ao lado da nossa aliada, vimos com horror os nossos valentes soldados combaterem aqui ao lado dos ingleses, infligindo as primeiras grandes derrotas que sofreu o exército de Napoleão e cobrirem-se de glória e morrerem a defender lá fóra a sorte do invasor da sua própria Pátria!

A campanha dirigida pelo general Wellington em Portugal, levantando o país inteiro contra o inimigo, foi uma grande glória para o povo português, que ainda hoje recorda, com a sua aliada, nomes que são para ambos de gloriiosa memória.

Por culpa dos dirigentes, enquanto o povo sofria e se batia contra o inimigo, alguns portugueses chegaram a pisar a terra sagrada de Portugal como invasores, encorporados no exército inimigo, tomando à letra as ordens do rei, que antes de fugir para o Brasil, salvo pela Inglaterra à vergonha máxima de ficar prisioneiro de Napoleão, mandava cartas e proclamações, ordenando ao povo que recebesse os soldados do Imperador dos franceses como amigos!

Mas, a energia resistente da nacionalidade portuguesa é uma força tão grande e tão sagrada que, apesar de tudo, nos livrámos desse perigo e saímos dessa grande prova, conforme foi possível, sem contudo perdermos muito do que materialmente já éramos antes do conflito.

Mas, logo a seguir, e como conseqüência do deslocamento da corte para a América, tivemos a independência do Brasil, que até essa data fôra a nossa melhor colónia. ||-

Felizmente, o espírito e a língua lusitanas vincam-se tão fundamentalmente nas terras que descobrimos, e nas populações que colonizâmos, que ainda hoje se encontram traços de nossa passagem pelo Japão, onde há três séculos fomos os primeiros europeus que ali entrámos e levámos notícias de nossa terra europeia, como noutras regiões por nós abandonadas.

E se isto sucede com terras em que apenas entrámos como elementos estranhos, o que faria com a grande terra brasileira, onde o nosso trabalho de colonizadores foi tão vasto e tão enérgico, que se espalhou pelos mais remotos recantos da grande nação, dizendo aos vindouros o que vale o génio, a iniciativa

dos portugueses, principalmente quando se encontram longe do remanso da terra natal.

Essa imensa colónia, que foi a filha mais dilecta de Portugal, ao tornar-se um país independente ficou a mais útil, a mais lial e carinhosa irmã da antiga metrópole.

Esta harmonia de vistos e de sentimentos também agora se provou, pois o grande partido, deliberadamente intervencionista, que em Portugal logo de princípio se pôs de alma e coração ao lado da Inglaterra, querendo honrar nos campos de batalha a nossa velha aliança, teve na colónia portuguesa do Brasil o mais vivo aplauso e na nação brasileira a mais completa harmonia de sentir e proceder, provada com a declaração de guerra à Alemanha e a entrada no conflito ao lado dos aliados.

E uma glória para a raça lusitana o encontrar-se no velho e no novo mundo irmanada pelo mesmo nobre sentimento, lutando pela liberdade e pela justiça. -

A aliança anglo-lusa na monarquia constitucional

Depois da grande derrota do imperialismo napoleónico a paz não veio logo aos espíritos, nem a tranqüilidade reinou nos países da Europa e até nos da América.

A confusão de sentimentos, de paixões e interesses tudo baralhava, de modo que as intrigas eram tão grandes, ou maiores ainda, do que hoje, em que os campos estão bem definidos, só estando com a Alemanha os espíritos obcecados, retrógrados ou aqueles que têm à sua causa ligados miseráveis interesses económicos.

No século passado não era bem assim; a França, embora representasse o espírito conquistador de Napoleão, representava também as ideias liberais e avançadas, que tinham feito a glória da sua grande revolução. Entre os vencedores do grande general estavam as nações que então, como hoje, representam o retrocesso e o absolutismo e que, formando a Santa-Aliança, combatiam a liberdade em toda a parte. Eram elas que faziam fervilhar a intriga e tornaram o nosso pobre país inhabitável por todos aqueles que não eram, o que hoje se poderia chamar, germanófilos.

Os que puderam fugir ao regime de terror que se tornara a lei, emigraram para Inglaterra e ali encontraram a simpatia e o bom acolhimento que ela não nega àqueles que se acolhem ao seu regime liberal e às suas leis, respeitadoras da consciência de cada um.

Depois de terminada a guerra civil entre miguelistas — que defendiam o príncipe D. Miguel e o queriam como rei absoluto, senhor do povo e do país, sem outra lei que não fosse a sua vontade — e os constitucionais — que pretendiam um governo regulado por uma lei, chamada constituição, em que o povo tem direitos e deveres, e acima da vontade do rei está o parlamento que representa a nação — o espírito da liberdade que impulsionava toda a grande civilização latina, também entre nós triunfou.

A aliança com a Inglaterra estava então, mais do que nunca, bem indicada, pois que foi naquela livre nação, a primeira que deu ao seu povo direitos e uma constituição, que foi o inicio do grande movimento libertador dos últimos dois séculos, que os liberais portugueses encontraram agasalho e apoio moral.

Lá estiveram Garrett e Herculano e todos os que depois vieram acabar com a tirania dum governo, que mais parecia de feras do que de humanos, pois nada se respeitava, nem a famílias, nem a casa, nem os próprios prisioneiros, martirizados nas prisões e assassinados quando convinha aos mandantes.

Garrett, o maior escritor e, sobretudo, a mais clara inteligência e a mais intuitiva sensibilidade portuguesa da primeira metade do século passado, aprendeu bem a conhecer a raça inglesa; e toda a sua bela obra está impregnada de respeito e carinho pelo liberalismo inglês, influenciada pela sua visão de justiça e de correção, nunca deixando de ser grato ao povo que o recebera na desgraça e se fizera amar pelas suas qualidades de carácter.

Foi o único momento, antes do actual, em que a

nossa aliança política teve, o que devia ter tido sempre e deverá ter de futuro: uma base de estima e consideração recíproca, fundadas num maior conhecimento familiar dos dois povos, que todos os interesses ligam, podendo ser grandes amigos, sem perigo de qualquer absorção moral.

Estando, porém, a maioria do povo português apática, ignorante, enfraquecida e pobre, sem um forte ideal colectivo que o chamasse em seu conjunto, a uma compreensão clara da sua verdadeira consciência nacional, os governos liberais, embora deliberadamente aliados da Inglaterra, não tiveram a energia bastante para varrer as velhas ideias e tornar essa aliança compreendida pelo povo, instruindo-o e dignificando-o pela inteligente cooperação do que representou no passado a aliança anglo-lusa e do interesse que para os dois países tem no presente e no futuro.

Essa aliança não é uma cadeia, é uma força de que até aqui não soubemos usar. Em vez dum a firme e enérgica iniciativa, que determinasse o desenvolvimento do nosso grande império colonial, da agricultura da metrópole e das nossas indústrias, com mercado certo nas colónias ultramarinas, no Brasil e em qualquer país onde se encontram portugueses, limitamo-nos a conservar nominalmente o que nosso era, com sacrifícios inauditos e nenhum interesse prático para a nação, que também nenhum desejo mostrava de se engrandecer no presente, contentando-se com as glórias passadas.

A par e passo que o império da Inglaterra se desenrolvia dum a forma que a enchia de riqueza e de opulência, nós seguíamos titubeantes, numa acção política de equilíbrio e não de afirmação de coragem e consciência do nosso grande destino histórico.

Foi assim que se pôde dar o desgraçado incidente que se ficou chamando o *ultimatum inglês*, que mais não foi senão o choque da acção antagónica das duas políticas, uma activa e forte outra negativa e hesitante,

quando se encontraram frente a frente no caminho da sua colonização.

A lei das nações, como dos indivíduos, é o avançar dos fortes em energia expansiva e recuo dos fracos, que sómente se manifestam em queixas e lamentações inúteis.

O protesto da consciência nacional, violenta e — felizmente! — despertada, foi mais contra a inconsciência a incúria e a fraqueza dos nossos governantes do que foi contra a Inglaterra, que usava duma fôrça que não encontrava quem a defrontasse.

Aproveitando esta desinteligência, talvez mesmo fomentada pelo seu espírito persistente e diabólico, a Alemanha conseguiu a simpatia de alguns políticos e foi cavando uma trincheira entre os dois povos aliados, ao mesmo tempo que se ia introduzindo, com a hipocrisia de que sabe usar quando lhe é preciso, estando senhora duma bela situação moral e material entre nós, quando rebentou a guerra e o mundo compreendeu o perigo para onde corria.

As nossas colónias abertas à rapacidade do inimigo comerciante e industrioso, a nossa instrução feita sobre livros alemães, as nossas crianças das classes ricas educadas por alemães, os nossos rapazes instruindo-se na Alemanha, todo o comércio vivendo na dependência da indústria alemã, o que seria da grande alma lusitana se o germanismo não ficase esmagado?!

A nossa história seria apenas uma doirada lembrança dum passado, que nem sequer poderíamos compreender, estúpidamente vergados à disciplina militarista da Alemanha. E, como nós, todos os outros povos estavam sendo apertados, sem darem por isso, nas suas malhas, que apanhavam todas as livres manifestações do espírito humano.

As mulheres germânicas foram enviadas para todo o mundo, e conseguindo tornarem-se amadas, muitas casavam com estrangeiros, tornando-os seus auxiliares

inconscientes, como admiradores da Alemanha, contrariando, embora, o orgulho da própria raça.

Professores, sábios, comerciantes, operários, todos caminhavam para o mesmo fim de conquista e absorção, e aprendendo as línguas dos países em que se encontravam tornavam-se assim mais simpáticos e eram verdadeiros agentes de informação, de modo a preparar a conquista pelas armas, que era o triunfo com que contavam para a realização do seu sonho de domínio sobre o mundo inteiro.

Finalmente a sua loucura foi compreendida, e esse mundo inteiro que queria dominar ergueu-se, reagindo a tempo. Quando a opressora Germânia cuidava estar senhora de tudo, supondo que todos os povos se lhe rojariam aos pés, convencidos da sua superioridade, teve de reconhecer que as simpatias que despertara eram filhas da convicção em que os outros povos se encontravam de que era sincero o seu interesse em colaborar na civilização que ao génio latino, principalmente, se deve e que os bárbaros germânicos, há séculos, quase tinham destruído, fazendo então recuar a marcha da humanidade, como hoje sucederia se vencessem, apesar da sua apregoada civilização mais material que moral.

A tempo se manifestaram, porém; e embora seja horrorosa a carnificina a que o mundo assistiu apavorado, este grande sacrifício humano representa a defesa vital dos povos, que estavam a caminhar inconscientemente para a escravidão moral imposta pelos germânicos, sem respeito pelas outras raças e com mais qualidades do que a sua.

O despertar da raça

O povo português que não teve, como vimos, durante alguns séculos uma orientação segura e firme, encontrou na República o impulso que lhe faltava para se nortear no caminho do futuro.

A base de toda a propaganda contra os governos passados era a reclamação insistente dos grandes patriotas, e dos mais altos espíritos literários, pela falta de instrução e educação cívica que nos desse uma grande e una consciência nacional.

E tanto se falou e tanto se escreveu, que efectivamente essa consciência foi despertando, e foi ela que, proclamando a nova forma do governo, mais se aproximou da Inglaterra e em bases mais seguras aceitou e manteve a aliança passada.

E aqui está o motivo por que, logo que a França e a Bélgica foram invadidas e a Inglaterra deliberadamente se pôs ao serviço da causa da Justiça e da Liberdade dos povos, a consciencia nacional imediatamente se pronunciou pelo dever que Portugal tinha de entrar activamente na guerra, junto da sua aliada.

Alguns espíritos timoratos, e outros que mais prezam os seus próprios interesses do que os da nação, fizeram uma terrível campanha para nos desviarem

dêsse caminho que é, evidentemente, o do dever. Mas o povo português, que nas ocasiões mais difíceis temido sempre o instinto da própria salvação, fechou os ouvidos aos agoirentos e caminhou deliberadamente no sentido que lhe indicava o destino da propria raça.

Também quando se iniciaram as conquistas de África, que foi o princípio da nossa grandeza e a afirmação exterior da nacionalidade, houve agoirentos e timoratos, que protestavam contra a iniciativa aventurosa dos vencedores de Aljubarrota...

Também quando largámos êsse caminho exclusivo, para nos lançarmos nas descobertas, que foram a certeza magnífica da nossa existência mundial, os mesmos tímidos, os mesmos agoirentos, os mesmos interesseiros apareceram a gritar contra a grande aventura, querendo impedi-la pela propaganda contrária...

Mas o povo português, quando chega a ocasião de mostrar o que é, encolhe os ombros, sorri e parte cantando na barca veleira da sua grande fé no futuro, que o destino lhe reserva.

O povo é que tem razão porque, de facto, para que nós possamos ser, como devemos, o terceiro país colonial, como éramos antes da expansão alemã, preciso se torna que por todos os meios desenvolvamos a nossa actividade na metrópole e nas colónias, de modo a sermos perante os nossos próprios aliados uma força paralela com que possam contar. Não importa que sejamos um pouco mais pequenos do que alguns dos outros, porque um país é maior pelo espírito da sua raça, pela sua cultura e pela riqueza, do que pela sua extensão material. O espírito duma raça admirável ninguém o tem como nós; a cultura e a riqueza está únicamente nas nossas mãos tê-los, também, tantas ou mais do que os outros.

O que é preciso é que dentro de Portugal haja uma só fé e um só ideal, uma só vontade que corresponda à grande religião: — A Patria acima de tudo.

Ora para que Portugal se levantasse e pudesse estar agora em igualdade de circunstâncias junto dos aliados vitoriosos, preciso se tornava o sacrifício desta hora de sofrimento, que é também uma hora de triunfo e de alegria, porque é aquela que há de marcar o despertar magnífico duma raça, que tão abatida e desgraçada se mantinha.

Para que encetemos o novo caminho que se impõe à raça, necessário se torna alargar o espaço onde se desenvolvam as nossas energias, tornando a nossa aliança com a Inglaterra um campo em que paralelamente dois países se desenvolvam. Para conseguir êste duplo fim não podíamos deixar de contribuir com tudo quanto estivesse ao nosso alcance para a vitória dos aliados.

Uma aliança que não se apoia em factos não existe; uma fôrça que se desenvolve antagónica a outra fôrça, pode na primeira ocasião ser suprimida.

Se outros factos não houvesse que nos levassem à guerra, bastava o apoio que precisamos criar exteriormente para termos essa opinião neste momento de novas formações raciais, indicando a imediata colaboração com a Inglaterra na luta contra o perigo comum.

Uma paz possivelmente indecisa podia fazer-se à custa das nações neutras, especialmente quando elas têm, como nós, tanto que perder. Provado pois está que o nosso dever e o nosso interesse era seguir a sorte da nossa aliada, para não nos encontrarmos amanhã isolados e sem apoio, sujeitos à cobiça dos vizinhos que temos nas colónias e na própria Europa.

As nações egoistas, que hoje se regozijam pelo muito ouro que nos cofres recolheram, começam a compreender a grandeza e a inteligência do nosso acto, conservando, desta forma, a esperança duma vida nova, num mais largo campo de acção.

Mas se os interesses nos indicavam essa colabora-

ção efectiva na guerra, factos havia que a ela nos obrigavam.

Esses factos, além dos que se deram em outras nações, como o afundamento de barcos de comércio e de passageiros, que foi o que determinou imediatamente a entrada dos Estados Unidos na guerra, foram o ataque feito pelas tropas alemãs às nossas colónias e o perigo que para elas representava a sua vizinhança, impondo-se, acima dos próprios interesses, o cumprimento do nosso dever de aliados.

Resolvido o nosso país a entrar na guerra, todos os aliados acolheram com o maior entusiasmo a colaboração dum povo que, se não representava muito como número de combatentes que podia enviar, muitíssimo representa pelo valor dos seus soldados, pela força moral do seu grande passado, e pela enorme opinião lusitana de que é fiador em todo o mundo, especialmente pelas suas possessões e pelas numerosas colónias que tão consideradas são no Brasil, na América e na Ásia.

O esforço português na África

Todo o esforço que no nosso país se realizou para a cooperação efectiva na guerra tem de referir-se ao seu estado anterior.

Ao começar o conflito encontrava-se Portugal ainda mal refeito do seu abatimento de séculos e muito pouco preparado para um tão grande dispêndio de dinheiro e energia, como a guerra moderna reclama. Foi êsse um dos argumentos de que se serviram os inimigos para espalhar o desânimo e fazerem a sua campanha contraria à nossa participação na luta.

Nada tínhamos, diziam, com alguma aparência de verdade :—o exército é pequeno e desaparelhado, a marinha sem navios, faltam nos recursos monetários e até falta um ideal colectivo, bastante forte para nos levantar, como um só homem ; correspondendo à fraqueza da metrópole a indiferença das colónias. —

E, no entanto, o milagre realizou-se ! A consciência nacional começou a definir-se, mostrando uma vontade tenaz de reagir e aplicar a energia latente da raça a uma acção expansiva e nobilitante. O nosso exército era pequeno, mal armado e equipado, sómente afeito às campanhas de África, algumas gloriosas e todas de-

notando uma grande coragem individual, mas nada semelhante às guerras modernas.

Quando se falava num exército que correspondesse à população portuguesa da metrópole, ninguém acreditava que se pudesse realizar, tão mal preparado estava o país, moral e materialmente, para compreender os seus deveres cívicos. Grande parte dos mancebos fugiam ao serviço militar pela emigração clandestina, e nos países estrangeiros os consulados também nada faziam para os ligar à Pátria.

Pois bem: a República mostrou que a capacidade da população portuguesa aguentaria um verdadeiro exército digno da nação e, resolvendo nobre e espontâneamente dar aos aliados a sua colaboração nas guerras da Europa e África, em poucos meses mobilizou, vestiu e armou e sustentou *cem mil homens*, que aproximadamente são os que gloriosamente se têm batido em África, para defender as nossas colónias e secundar os nossos aliados na luta contra os alemães, e os que se encontraram em França ao lado dos aliados, cumprindo brilhantemente a sua missão.

Declarada a guerra, o governo português, então presidido pelo Dr. Bernardino Machado, afirmou à Inglaterra o propósito firme em que estava Portugal de usar com ela, com uma lialdade e clareza de factos, que bem demonstrasse ao mundo que o Portugal de hoje não era o Portugal de há um século, e que a República tinha no verdadeiro aprêço as palavras dos contratos, que para o povo português não são «farrapos de papel» como o foram para o Kaiser.

O então ministro da guerra, general Pereira de Eça, que aliava a um grande carácter uma energia indomável, imediatamente começou a trabalhar para enviar para África tropas que defendessem a nossa soberania, dominassem o gentio revoltado pelas intrigas alemãs, e dessem às tropas inglesas todo o auxílio necessário para vencer os nossos comuns inimigos,

preparando ao mesmo tempo com uma actividade extraordinária a cooperação na guerra da Europa, de que era partidário, como verdadeiro patriota e como militar dos mais briosos.

Um grande entusiasmo e uma fé imensa animava então os portugueses, começando-se a trabalhar por todos os modos, não só oficialmente por determinação desse patriótico governo, como pela iniciativa particular que muito fez depois. Foi nesse belo momento de consciência nacional que se formou a «Comissão Feminina Pela Pátria», que tinha por fim angariar donativos e dar agasalhos e roupas para os soldados, sempre com o alto fim de levantar, pelo exemplo, o espírito da nação, e que muito conseguiu no seu trabalho sem esmorecimento, não só pelos soldados portugueses, então ainda só em África, como pelos belgas, ingleses e franceses, que foram auxiliados e socorridos numa época em que o pouco valia muito, tanto em armamento e munições, como em agasalhos e alimento, pois a Alemanha preparada para a guerra em cinquenta anos de premeditação criminosa surpreendera os adversários na mais confiante imprevidência do perigo.

As primeiras expedições que partiram para a África depois da guerra declarada, foram no meio do entusiasmo vibrante do povo, que nunca esquece o que deve aos seus guerreiros do ultramar. Só quem sabe o que é a imensidão dos nossos territórios ultramarinos pode sentir bem o esforço que Portugal tem realizado para manter em África, na Oriental e na Ocidental, uns trinta mil homens saídos da metrópole, armados e equipados com material português.

Isto tem feito a República, apesar de mil dificuldades que desde o seu princípio a têm demorado no cumprimento da sua nobre promessa de fazer entrar o país numa nova época de glória e de laboriosidade opulenta.

Mas tudo quanto os governos possam fazer agora,

como no passado fizeram, nada é ao lado da epopeia gloriosa dos nossos soldados lutando contra o clima, a sede e as enormes distâncias sem comunicações, e além disso contra as tropas alemãs e contra o gentio, por êles armado à europeia e pelas suas intrigas revoltado contra a soberania portuguesa.

Essa campanha, que num dado momento foi de tal importância que para a África Ocidental foi enviado, depois de sair do governo, o próprio general Pereira de Eça, tem sido, como sempre, de muita honra para o exército português.

Durante estes quatro longos anos de guerra alguns insucessos tivemos, mas todos foram gloriosamente compensados por outras muitas vitórias.

Se as tropas do coronel Roçadas e do general Pereira de Eça não tivessem obrigado os alemães à permanência no seu território em face de nós, não teria sido possível a vitória do general Botha na África do Sul.

A barreira oposta pelos nossos soldados, tanto no sul como na África Ocidental, em que a nossa fronteira se restabeleceu pela tomada de Quiloa, que imprópriamente os alemães chamaram Quionga, encorralou os inimigos entregando-os aos aliados.

As operações na África devem ser vistas em conjunto e não apreciadas pelos reveses passageiros e parciais, sempre compensados pelas vitórias e pela ocupação, de facto, dos nossos vastíssimos terrenos, que antigamente só teoricamente ocupavamos nos mapas.

A campanha comandada pelo general Pereira de Eça, sempre vitorioso, é digna do heroísmo dos nossos soldados de todos os tempos. Basta dizer que aquele general durante oito dias se conservou a cavalo, sem pensar um momento em repousar, tudo lhe faltando e tudo suprido pela sua coragem, pela sua energia e pelo seu feroísmo. Nesta campanha, que foi gloriosa e dum extraordinário alcance para o conjunto

das operações em África, o corpo de marinheiros portugueses, que combatiam sob as ordens dêsse general, portou-se de tal maneira que, por sua ordem lhe foi entregue a sua espada de honra quando, pouco depois de chegar à metrópole, morreu, em resultado do grandioso esforço que esse feito representa.

Mas o país está tão habituado à dedicacão e heroísmo dos seus filhos, especialmente realizado no mar e nas nossas colónias, em quatro séculos de lutas e trabalhos, que nem verdadeiramente dá aos marinheiros e aos soldados o aprêço que merecem, considerando como naturais os maiores sacrifícios e esforços realizados.

Só verdadeiramente no fim da guerra há-de ser reconhecida a nossa grande acção militar na África, e serão os nossos laiai amigos e aliados os que mostráram ao mundo como soubemos cumprir o nosso dever, defendendo e ocupando definitivamente o nosso imenso Império Colonial.

Corpo Expedicionário Português

Como vimos, o nosso exército era pequeno e a República não o tinha podido aumentar, apesar de todas as suas medidas e reformas, porque as dificuldades contra ela levantadas foram muitas e porque o tempo de que para isso dispôs também não foi demais, pois este regime começou a vigorar em 1910 e a guerra declarou-se em 1914. Em quatro anos combatidos por todos os adversários e descontentes, que sempre há, não era possível fazer muito. Tendo, como dissemos, o governo presidido pelo Dr. Bernardino Machado altiva e nobremente declarado que a Nação honraria em todos os campos a velha aliança anglo-lusa, uma verdadeira campanha de intrigas e espionagem alemã caiu sobre Portugal, fazendo com que se demitisse esse patriótico governo, já depois de termos emprestado algum material de guerra aos aliados, mas ainda não se tendo declarado a beligerância.

Seguiu-se meio ano de hesitações e vergonhas, sómente se conseguindo enviar tropas para a África e aí mesmo sustidas por telegramas da metrópole quando mais precisavam de proceder, porque o derrotismo germanófilo tinha vencido em Portugal.

Só depois de 14 de Maio de 1915 é que verdadeiramente tomámos o nosso lugar na grande luta contra o imperialismo alemão, que nos declarou guerra já depois de ter atacado e morto oficiais portugueses em África.

O major Norton de Matos, entrando para o Ministério da Guerra, de tal forma tomou a peito a missão patriótica que tinha de cumprir, para organizar o serviço da nossa participação na guerra europeia, que nela pôs toda a sua inteligência, extraordinária energia e disciplinada persistência.

Lutou com tantas dificuldades que outro qualquer, por certo, teria desanimado; ele, porém, com uma fé ardente nos destinos da Pátria, não esmoreceu nem descansou durante trinta meses em que esteve como ministro da guerra, tudo prevendo, tudo preparando e tudo organizando de acordo com os aliados.

Não havia munições? As fábricas que havia intensificaram a produção e algumas se criaram de novo. Não havia roupa? O trabalho depressa as fez aparecer, criando-se um novo depósito de fardamentos no Pôrto para secundar o de Lisboa. Este, porém, um dia, cheio de obra, e sem se saber como, ardeu todo! As manobras germanófilas iam aparecendo!... Mas o ministro não desanimou. O país inteiro se pôs em movimento e a mobilização fez-se, e foi de tal ordem que a instrução das duas divisões destinadas a partir para França, e que fizeram a sua instrução intensificada nas manobras de Tancos e Torres Vedras, uma comandada pelo general Tamagnini, que foi depois comandante geral do C. E. P., e outra pelo general Pereira de Eça, que infelizmente morreu alguns meses depois, foram consideradas um verdadeiro milagre.

Após as manobras, que foram uma grande consolação e motivo de justo orgulho para todos os portugueses, especialmente para os oficiais que as organizaram e dirigiram, começaram a partir tropas para França,

organizando-se o C. E. P. que justamente elevou o nome português à altura do seu passado.

Quando o ministro da guerra, Norton de Matos, fez a primeira visita à frente da batalha, a sua impressão na volta era magnífica, principalmente pela admirável impressão de confiança e heroísmo consciente que todos os nossos soldados apresentavam.

Os grandes chefes aliados que o acompanhavam na sua visita não regatearam elogios a êsse pequeno exército, que assumira a responsabilidade da defesa dum sector e mostrava no cumprimento do seu dever uma disciplina, uma ordem e uma serenidade corajosa bem digna dos homens do nosso grande passado. Especialmente os ingleses, com quem as nossas tropas estiveram mais em contacto, como era natural visto serem êles os nossos aliados, não regatearam elogios ao exército português.

Alguns meses depois também o Dr. Bernardino Machado, como Presidente da República Portuguesa, visitou o sector português, trazendo a mesma consoladora e inolvidável impressão de grandeza e orgulho por esta linda Pátria, que finalmente reencontrou o caminho heróico e nobre que parecia haver esquecido.

Os factos vieram a provar a justiça de tudo quanto do nosso exército se tem apregoado, pois não só a correspondência de soldados e oficiais sempre demonstrou um entusiasmo sereno e reflectido, com a absoluta certeza do cumprimento dum grande dever histórico, como os ataques feitos pelos alemães ao nosso sector lhes fez conhecer de que têmpera eram os nossos soldados.

O primeiro combate travado em França entre portugueses e alemães deu-se num dia assinalado para nós, que é o de Santo António, indevidamente chamado de Padua, pois que êle é bem nosso, nascido em Lisboa, e tendo honrado pelo seu talento e saber o nome português, como os nossos soldados honraram o seu dia,

13 de Junho de 1917, batendo-se como leões e adquirindo por êsse facto a alcunha simpática, entre os companheiros aliados, dos «Antónios».

Durante um ano, consecutivamente, se encontraram nas primeiras linhas debaixo do fogo inimigo, tendo repelido ataques como o de 2 de Março de 1918, que ficou memorável entre os aliados. E êste esfôrço é tanto mais para admirar quanto é certo os nossos soldados estarem cansados por tanto tempô de luta, sem terem sido rendidos nem substituídos nas suas baixas.

Sofremos em 9 de Abril seguinte o mais violento de todos os ataques, causando muitas baixas e levando-nos muitos prisioneiros. Mas isso não é, em parte alguma, uma derrota, e muito menos nesta guerra formidável em que o preço da vitória só háde ser contado no fim. Assim o compreenderam os generais ingleses e franceses, que não se cançaram de elogiar a heroicidade dos nossos soldados.

Após êsse facto, sempre doloroso, o C. E. P. não foi reorganizado de modo a manter o mesmo lugar de honra que os aliados lhe tinham dado, mas o que ficou, e especialmente os nossos artilheiros, portaram-se dumha forma brilhante, até ao fim tomndo parte no triunfo final.

Após o revés de Abril a propaganda germanófila não descansou dentro do país para convencer os ignorantes e as pobres famílias ingênuas de que os nossos aliados nos tinham atraiçoados, como se algum interesse êles tivessem em enfraquecer a defesa! O que é preciso notar é que êsse ataque coincidiu com o momento mais perigoso que os aliados sofreram nesta luta, e que também com êle coincidiu um redobramento de propaganda germanófila em todos os países.

A vitória de hoje foi comprada à custa de muito sofrimento, e quem desde o princípio nela confiou mostrou ter uma grande firmeza de carácter.

O que nos enche de orgulho é que os nossos ho-

mens, tanto os que se bateram na África como em França, os nossos infantes, como os nossos marinheiros, tanto os de guerra, que vigiaram as nossas costas e os navios de passageiros, como os da marinha mercante, que tão bons serviços prestou aos aliados, como os nossos artilheiros, justamente afamados, como todas as unidades militares cumpriram nobremente o seu dever de portugueses.

O que depende da heróica e esforçada abnegação dos soldados e marinheiros está claramente demonstrado que o teremos sempre; resta que o país o reconheça e secunde a sua obra.

Dentro do país

O trabalho patriótico do ministro da guerra, major Norton de Matos, organizando o exército para a com-participação efectiva na guerra, não se reflectiu sómente na parte propriamente militar, mas também no que diz respeito ao serviço de saúde e desenvolvimento intensificado da indústria para poder pôr em pé de guerra aproximadamente cem mil homens, que chegámos a ter em África e França.

É preciso que se tome em conta que também em Portugal estava quase abandonado o serviço de saúde no exército, e que tudo isso levou um impulso de tal ordem que já não será possível voltar atrás.

Foi então que o governo, auxiliado pela grande associação patriótica e de assistência às vitimas da guerra que é a «Cruzada das Mulheres Portuguesas», fundada e dirigida pela sr.^a D. Elzira Dantas Machado, mulher do Presidente da República Dr. Bernardino Machado, criou a enfermagem femenina de guerra, que não existia, preparou a hospitalização modelar para o exército, e deu à Reeducação dos Mutilados de guerra e carinhoso interesse que merece tal assunto, enviando médicos às conferências inter-aliados e criando a obra de selecção

de Santa Isabel e o Instituto de Reeducação, de Arroios, que bem merece ficar como documentação desta hora de trabalho e de fé.

A assistência às mulheres, às crianças e aos soldados repatriados foi digna e cheia de bôa vontade, se bem que não fôsse tão grande como seria o desejo de todos os patriotas.

É preciso que se note, para bem se compreender o esfôrço dêste momento histórico, quis era Portugal um país com poucos hábitos de trabalho, principalmente no que diz respeito ao lavor inteligente da mulher. Basta dizer que há quinze anos havia em Lisboa duas empregadas de escritórios comerciais, e agora contam-se aos milhares. Ainda há pouco tempo era vergonha uma senhora trabalhar, e agora são já muitíssimas as que comprehendem que é êsse o seu dever e o seu interesse, e as escolas superiores estão cheias de senhoras das classes elevadas, que dignamente preparam o seu futuro. Emfim, seria impossível dizer o que verdadeiramente representa já o esfôrço português, nesta hora de sacrifícios e de energias, neste pequeno trabalho de conjunto, destinado às crianças; mas o que é necessário é que não fiquemos por aqui, pois isto foi apenas o resultado dô impulso patriótico de poucos, necessitando-se que seja o trabalho equilibrado de todos.

Pensemos que o nosso país tem no continente seis milhões de habitantes, e poderá ter trinta, na proporção da Bélgica, se trabalhar a sua terra como ela merece, e desenvolver as suas indústrias como é preciso: bem cultivando a terra, cuidando os seus pomares, semeando pão, desenvolvendo o trabalho e energia interna, como a desenvolvemos na guerra.

Do esfôrço português e das suas primeiras manifestações vimos neste largo esbôço o sinal do ressurgimento pátrio de que a história futura melhor saberá apreciar as causas e os efeitos.

A guerra veio trazer-nos a possibilidade de apresentarmos um movimento de renovação nacional, que as circunstâncias e o nosso esforço determinavam.

Os nossos recursos próprios podem com o esforço que realizámos, apesar de muito grande e os derrotistas e os germanófilos, que são os inimigos da Pátria, e todos aqueles que contrariaram a nossa intervenção na guerra europeia, enredando a sua política na campanha contra a nossa aliada, devem estar convencidos pelos factos de que, se os encargos da participação foram grandes, muito maiores seriam, moral e materialmente, os duma neutralidade comprometedora e covarde.

O esforço inglês

Já que atrás ficou dito, embora muito por alto, o que foi o esforço português nesta grande hora da humanidade, justo é que falemos do inolydável exemplo que a Inglaterra, nossa aliada, deu ao mundo, mostrando a sua grandeza material, e ainda mais a sua enorme força moral, na defesa de civilização latina e na sua própria defeza, ameaçada pela Alemanha.

Não foi só a realização dum exército, que voluntariamente, quasi todo, se apressou a correr para a França e para a Bélgica, onde o perigo era imediato e iminente. Não foi só a heroicidade da sua marinha de guerra que mais uma vez se mostrou digna da fama que já tinha na história; foi a sua população civil, os seus pescadores e marinheiros mercantes, as suas mulheres, os seus operarios, as suas crianças, gente de todas as classes, ricos e pobres, instruidos e incultos, que no momento em que a Pátria reclamou a sua dedicação, imediatamente os encontrou a seu lado, dando quanto lhes foi exigido, e mais ainda do que lhes pediam, em trabalho, dinheiro, fé e dedicação patriotica.

Só com esta consciência dos deveres, que cada um tem para com a sua Pátria, se consegue ter a grande-

za que a Inglaterra representa no mundo, em vão ameaçada pela Alemanha, com a força da sua disciplina militar e as atrocidades duma guerra, que julgavam decisiva para o seu poderío, e afinal foi uma decepção para o orgulhoso sonho do imperialismo mundial.

Como neste livro, escrito para o coração e para a inteligência dos novos, não vem a propósito dizer em números o que foi o esforço da nação inglesa perante o crime germânico, muitas pessoas talvez não cheguem a avaliar bem o que representou; mas essas podem procurar nas estatísticas da guerra a resposta à sua curiosidade.

Para nós basta notar a defesa dos mares, que anulou, quase por completo, a ameaça germânica de paralizar a vida humana em todo o mundo com o ataque bárbaro dos submarinos, não só dirigidos contra os navios de guerra como principalmente contra os paquetes de passageiros, os transportes dos feridos, navios, vapores de carga, sem mesmo respeitarem os dos neutros.

Basta saber-se o que representou o trabalho da marinha mercante, transportando para as nações aliadas e para os exércitos milhares de homens, munições, veículos, cavalos, mantimentos e combustível, sem recuar perante o perigo e as ameaças do inimigo, para se reconhecer quanto vale a coragem desse povo, que põe no cumprimento do dever e na realização duma idéa a sua energia e persistência invencíveis. Lembremo-nos de que, até que a América pudesse trazer aos aliados o seu formidável auxílio, todo o peso e responsabilidade destas travessias estiveram a cargo dos ingleses; e ainda do primeiro milhão de tropas americanas que vieram para a Europa, mais de metade foram transportadas em navios ingleses, e defendidas de tal forma que apenas trezentas vidas se perderam.

Recordando os heróicos soldados e marinheiros, não

se deverá esquecer nunca a acção dos aviadores, que tanto auxiliaram o triunfo que está preparando a paz futura.

Nas indústrias de guerra, em que as mulheres tomaram uma tão grande parte, a produção foi de tal forma abundante que as munições não faltaram nunca ao maior exército que o mundo tem visto em pé de guerra; nem faltariam, se mais tempo a guerra tivesse de durar.

Uma das coisas que mais demonstra as qualidades de disciplina e ordem dos nossos aliados, é o esforço realizado para conseguir subsistências para tantos milhões de homens, ocupados no trabalho doloroso e improdutivo da guerra e para as populações privadas do seu esforço. Não só a nossa aliada resolveu o melhor possível esta dificuldade durante a guerra como se preparou para a paz, fazendo progredir a agricultura, que estava muito prejudicada pelo enorme desenvolvimento das indústrias, que no último século quase exclusivamente ocupavam a população operária da Gran-Bretanha.

É que, entre muitos outros ensinamentos que hão-de ficar deste momento doloroso para a Humanidade, um dos que mais claramente ficou demonstrado é que os países têm a sua maior fortuna, por assim dizer, o seu mealheiro, na própria terra amada e cultivada. É nela que os povos encontrarão sempre a certeza dum vida útil e sossegada, livre do terror da fome, que qualquer perturbação pode trazer às nações que precisam de importar os alimentos mais necessários à vida, como, por exemplo, o pão.

O terreno agricultado e a produção dos principais alimentos, que a terra e o clima inglês podem produzir, aumentou durante este terrível período de guerra, o que verdadeiramente se pode considerar uma das formas admiráveis da defesa nacional.

E não só em tempo de guerra foi aumentada a pro-

dução agrícola, como se está continuando este bemdito trabalho para que no futuro não falte aquilo que representa a certeza da vida em caso de perigo e a economia de muito ouro que sai quando é importado de outros países.

Não é possível esquecer neste ponto, nem deixar de os louvar, o enorme e belo trabalho das mulheres e crianças inglesas, que tão patrioticamente formaram como um grande e disciplinado exército para a execução destes trabalhos, sabendo que assim concorriam para a salvação nacional, tanto como aqueles que nos campos de batalha deram o seu sangue e a sua vida. O esforço da nação inglesa foi tão grande em seu conjunto, que as suas próprias colónias se encontraram ao lado da mãe-pátria numa comunhão de sentimentos e interesses, que em verdade causaram a admiração de todo o mundo, pois que não poucos boatos se tinham feito correr sobre o seu descontentamento e rebelião.

A começar no grande Império da India, que desde a primeira hora deu generosamente homens, dinheiro, viveres e tudo quanto foi necessário, do muito que faz a sua enorme riqueza, ao Canadá, à Austrália, à Terra Nova, à África do Sul, à Nova Zelandia, todas, conforme as suas posses, cooperaram generosamente para o conjunto glorioso da hora do triunfo, que hoje começa a aparecer.

Não o esqueçamos nunca, pois que o lembrá-lo é honrar todos aqueles que lutaram e sofreram: a grande guerra a que acabamos de assistir, e foi o maior conflito de que até hoje a Humanidade tem memória, não se feriu tão sómente nos campos invadidos da França e da Flandres, mas também na Itália, Salonica, Palestina, Mesopotâmia, Pérsia, Egípto e África, e em toda a parte a nossa aliada teve a sua gente e sustentou com os enormes recursos da sua inesgotável riqueza e do seu alto sentimento do dever nacional, em toda a parte dando as mesmas provas de serenidade e heroísmo.

Para honra da Inglaterra bastará dizer que não houve homem de cinqüenta anos que não estivesse mobilizado em serviço militar ou nacional, nem família em que não houvesse pelo menos uma mulher que envergasse o honroso uniforme da *Cruz Vermelha* ou «Corpo Auxiliar Feminino».

O povo inglês comprou honestamente a glória do triunfo e o direito à alegria de hoje, bem merecendo a consideração que, mais do que nunca, o mundo lhe tributa.

E aqui nos cumpre ainda recordar um facto que mais nos liga moralmente, neste conjunto de fôrças que se opuseram à obstinada e energica invasão germânica; foi ainda pela aproximação de sangue, tradições e interesses, que ligam os Estados Unidos à Inglaterra, que à Europa vieram milhares de combatentes em cujas veias corre, impulsivo e generoso, o sangue lusitano. Nesses soldados filhos e netos dos portugueses, que tanto têm auxiliado o conjunto da grande nação norte americana, devemos reconhecer e honrar a vitalidade e a energia da nossa raça, qualidades que a hora presente veio demonstrar que não estavam perdidas entre nós.

Como aliados, que o mesmo ideal e os mesmos interesses impulsionam, nós, que desde a primeira hora nos encontramos ao lado da Inglaterra, no cumprimento do mais nobre dever, aceitamos como uma compensação devida aos dias de ansiedade e de amargura que, felizmente, vão passados, a glória de juntos termos trabalhado pela vitória que fez recuar a fúria germânica e trouxe a todos os povos a consciência do perigo que ameaça todos aqueles que não sabem conservar, numa resistência honesta, inteligente e laboriosa a sua autonomia moral, assim desrespeitando, pela inconsciência presente, as tradições do passado e comprometendo o futuro.

Camaradas nas horas de luto e de sofrimento, como

nas horas consoladoras do triunfo, os soldados anglo-lusos encontraram-se irmanados pelo mesmo grande pensamento, e nessa camaradagem apertaram mais os laços da aliança política das duas nações, sendo este grande momento o início de verdadeiras relações de amizade.

Desta formidável colisão, em que o sangue dos aliados correu generosamente em defesa da civilização latina, que é o passado glorioso, e da possibilidade dum futuro de honra e de glória, que é a legítima aspiração dos povos, a aliança anglo-lusa ficou mais forte do que nunca — digam o que disserem os germanófilos, que por todos os meios tentam hoje desvirtuar os factos e indispor as duas nações amigas, já que não conseguiram desviar a nação portuguesa do cumprimento do seu dever —, porque saindo dos arquivos e combinações diplomáticas demonstrou aos dois povos quanto é fácil compreenderem-se e estimarem-se, visto que todos os interesses dos dois países e as suas legítimas aspirações não se contrariam, antes muito ganharão em caminhar de acordo.

O que Portugal quere e o que espera dos seus filhos

Mens queridos pequenos :

Vou terminar êste livro, que para o vosso coração e para a vossa inteligência escrevi, numa hora de redenção que bem contrasta com aquela em que o principiei: e era ainda a de incerteza sôbre a duração dêste conflito imenso, em que todos tivemos de sofrer e de cujas conseqüências ainda muito tempo nos lamentaremos.

Incerteza ou dúvida sôbre a nossa vitória final não a tive nunca, talvez porque, confiando absolutamente no futuro da nossa raça e na grandeza da missão que a nossa Pátria tem de cumprir para corresponder ao seu passado, os bons génios bemfazejos da nossa terra, aqueles que fortaleceram o coração lusitano e lhe inspiraram a fé e lhe deram o sentido de viver, empurrando-o sempre para a liberdade e para a glória, também estiveram ao meu lado para que não esmorecesse o coração daqueles, que aprenderam a amar a sua Pátria através das páginas dos livros que lhes são dedicados.

Quando tantos duvidaram e se mostraram descrentes, quando tantos hesitaram e alguns falsearam o destino da raça, justo era que defendesse o vosso

futuro quem mais perto vos tem do coração, tendo-vos dado aquilo que é a base-duma útil educação nacional.

No livro que ora vos ponho nas mãos disse-vos, embora muito por alto, o que fomos no passado, como soubemos cumprir a nossa missão, desafiando ante os vossos olhos justamente deslumbrados, o que foi o rosário admirável dos nossos feitos e grandeza; como em poucas palavras vos contei o esfôrço dos últimos anos para voltarmos ao tempo em que fomos uma das maiores nações do mundo.

E agora, meus amigos, que a vitória dos aliados, que é a nossa vitória, já se pode considerar uma realidade, embora a paz definitiva ainda não seja um facto, é de vós que é necessário esperar o cumprimento das esperanças que todos os patriotas puseram nesta hora de libertação e de justiça.

Portugal, como todos os aliados, desejam a paz ardentemente, mas por muito a querer é que a preparou auxiliando o triunfo daqueles que impuseram as duras condições, que a Alemanha pela sua dureza e impiedade bem mereceu.

A paz que todos devemos querer é aquela que, dum vez para sempre, limite a fôrça avassaladora do Império alemão e contenha nos seus limites essa raça que tem um ideal e um destino absolutamente oposto ao nosso.

Agora que finalmente se ouviu a hora bemdita em que o imperialismo germânico, tão contrário ao nosso, teve de abater-se ante a energia da defesa dos aliados, necessário se torna, meus amigos, que nas vossas inteligências fique bem definido o que representa uma consciência nacional, sabendo o que fizemos e o que desejamos.

O dever de todos os portugueses nesta hora é corresponder ao esfôrço heróico dos que se bateram pela Pátria nos campos de batalha, com uma absoluta con-

fiança no futuro, com uma forte e sá disciplina no trabalho e no estudo e uma vontade enérgica de progredir, que levante o país inteiro no mesmo impulso equivalente.

Devemos aproveitar o esforço feito para o renascimento moral e material do país numa acção vigorosa e conjunta.

Pensai bem, meus pequenos amigos, vós que tomais hoje o compromisso sagrado do futuro, que as nações que não trabalham sempre por se engrandecer morrem socialmente.

Ora Portugal tem todas as condições para se desenvolver e continuar o destino expansivo da raça, de que o Brasil é um exemplo dos mais honrosos. Lusitanos, como nós, os brasileiros não tiveram um momento de hesitação na hora perturbada de dúvidas, e trabalhando por desenvolver internamente as suas culturas e as suas indústrias, para auxiliar os aliados, nobremente marcharam para o nosso lado, com o coração alvorçado, como um irmão para junto de outro irmão, que sente e pensa da mesma fórmula.

Pensai bem, que não haveis de querer que desapareça do numero das grandes nações esta nossa Pátria que nos apresenta exemplos admiráveis, como o de todas as colónias auxiliando a nossa obra de assistência oferecendo o seu auxílio, dando-nos o seu apoio.

Reparai, meus filhos, que para sermos uns aliados que correspondam à grande e nobre Inglaterra, que ao nosso lado tem estado sempre para a defesa da nossa integridade nacional, precisamos ter carácter, criar energia e força que nos dêem a verdadeira consciência nacional, que — infelizmente! — por vezes tem falhado, como atrás vos disse.

Ora, aos novos é que compete êste grande papel, porque nós, os que muito já temos sofrido e lutado, precisamos de descansar, confiando em vós, filhos do nosso sangue e do nosso espírito.

Para realizar êste grande ideal, é necessário que uma nova tábua de lei seja publicada para que se torne a religião patriótica de todos os portugueses, resumindo-se nos dez mandamentos, que aqui vos dedico e ofereço:

1.º—O primeiro dever dum português é amar Portugal acima de tudo;

2.º—Ter da sua história um conhecimento perfeito, que lhe inspire um justíssimo orgulho da raça a que pertence;

3.º—Ter o pensamento contínuo no engrandecimento de Portugal, cada dia preguntando a si próprio de que modo poderá contribuir para a grandeza da Pátria;

4.º—Dar-lhe em todos os campos de acção o máximo do seu esforço;

5.º—Ter confiança no futuro e energia para apressar a hora do triunfo, lembrando-nos sempre da energia e da fé que tiveram os nossos avós para realizarem uma obra que nenhum outro povo no mundo igualou;

6.º—Pensar que a terra portuguesa é não só a que habitamos no continente europeu, como toda aquela em que se desfralda a bandeira portuguesa; tanto amor e carinho nos devendo uma com as outras, pelo seu progresso, desenvolvimento e cultura devendo trabalhar igualmente;

7.º—Conservar todas as nossas qualidades, dirigindo-as para uma acção nova, conjunta e bela;

8.º—Educar os nossos próprios defeitos, para que também êles se modifiquem de modo a servir a Pátria;

9.º—Através de todos os obstáculos cumprir o dever de honra que nos impusemos e caminhar para a frente, de cabeça erguida e o coração purificado;

10.—O décimo e máximo dever que a todos neste momento de perigo devemos exigir: é uma grande disciplina e uma forte organização de energias para vencer o mal presente e esperar o grande futuro reser-

vado aos vencedores da guerra, em que todos andámos empenhados.

O maior poder do indivíduo é saber querer e saber obedecer.

Uma vontade tenaz e uma perfeita organização de energias dá aos povos, como aos indivíduos, a certeza de arredar todas as dificuldades.

Assim, se todos nós cumprirmos o dever expresso nestes mandamentos, o nosso Portugal será grande, porque é do conjunto das qualidades morais dos indivíduos que se formam as grandes Pátrias, resistentes na adversidade e expansivas no largo desenvolvimento material.

Assim, sabendo querer e sabendo realizar, Portugal será grande, devendo tornar-se o ideal de todos, especialmente dos novos, o dar à sua Pátria o desenvolvimento colonial que corresponda ao esforço que realizamos para o possuir e conservar o nosso grande império, aproximando-nos cada vez mais do Brasil, para que nos ajude a conservar e desenvolver a raça, a língua e a civilização lusitanas na América e na África.

Então seremos fortes, realizando o programa duma nação consciente, ideal justo do maior Portugal.

A Inglaterra não nos negará nenhum auxílio para que este ideal se realize, pois se é o nosso máximo interesse sermos uma nação forte e respeitada, também ela tem o maior interesse em que a sua mais antiga aliada lhe garanta a navegação do Atlântico, a auxilie na África onde combatemos e combateremos juntos a absorção alemã, dando-lhe a certeza de sermos no Brasil um dique à penetração germânica.

Para que tudo isto se realize, trabalhai vós, tomando o exemplo nesta grande guerra.

Pensai na Pátria a cada hora e sofrei, com orgulho, pelo grande e santo Portugal.

Indice

Guerras Passadas.....	1
Antes da guerra	7
Origens da guerra.....	12
Causas da guerra.....	17
Porque motivo Portugal tomou parte na guerra	27
Não entrar na guerra como beligerante seria o fim de Portugal livre	35
A nossa situação de aliados.....	40
A aliança anglo-lusa.....	45
O princípio da expansão portuguesa.....	50
Espanha e Portugal.....	53
Falta de consciência nacional.....	57
No tempo de Napoleão.....	62
A aliança anglo-lusa na monarquia lusitana	67
O despertar da raça.....	72
O esforço português na África	76
Corpo Expedicionário Português.....	81
Dentro do país.....	86
O esforço inglês	89
O que Portugal quere e espera de seus filhos.....	96



19